



Mao Tse-tung

**SOBRE A PRÁTICA &
SOBRE A CONTRADIÇÃO**

expressão
POPULAR

SOBRE A PRÁTICA
•
SOBRE A CONTRADIÇÃO

MAO TSE-TUNG

SOBRE A PRÁTICA
•
SOBRE A CONTRADIÇÃO

1ª edição

EDITORA
EXPRESSÃO POPULAR

São Paulo - 1999

Copyright © 1999, by Editora Expressão Popular

Projeto gráfico, diagramação e capa: *ZAP Design*

Revisão: *Geraldo Martins de Azevedo Filho*

Ilustração da Capa: *Detalhe de Mural União Pan-americana de Diego Rivera*

Impressão: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M296s	Mao, Tse-Tung, 1893-1976 Sobre a prática - Sobre a contradição / Mao Tsé-Tung – 1.ed., 4.reimpr.-- São Paulo : Expressão Popular, 2009. 80 p.
	Indexado em GeoDados - http://www.geodados.uem.br . ISBN 978-85-87394-05-7
	1. Filosofia. I. Título.
	CDD 100 CDU 1

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: dezembro de 1999

4ª reimpressão: março de 2009

Editora expressão Popular LTDA

Rua Abolição, 197 - Bela Vista

CEP 01319-010 - São Paulo-SP

Fone/Fax: (11) 3112-0941

vendas@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
SOBRE A PRÁTICA.....	11
SOBRE A CONTRADIÇÃO	31
I. As duas concepções do mundo.....	32
II. A universalidade da contradição.....	38
III. A particularidade da contradição	42
IV. A contradição principal e o aspecto principal da contradição	57
V. A identidade e a luta dos aspectos da contradição	65
VI. O lugar do antagonismo na contradição	74
VII. Conclusão.....	76

APRESENTAÇÃO

Nos séculos 19 e 20 a burguesia europeia procurou expandir seus domínios para a Ásia, liderados pela Inglaterra – a grande potência econômica da época. Contra as políticas das dinastias internas e as políticas imperialistas externas, houve um intenso período de lutas e rebeliões camponesas.

No início do século 20, uma série de revoluções modificaram as condições de trabalho, relações humanas e de pensamento em todo o mundo, afetando só na China um quarto da população da terra. Nela, não só as grandes massas da população mudaram mais de uma vez sua conduta e seus pontos de vista, como também o fizeram os líderes políticos e seus partidos.

Mao Tse-tung, dirigente revolucionário e pensador chinês, foi o artífice da nova China. Nasceu em 26 de dezembro de 1893 na aldeia de Shaoshan, província chinesa de Hunan. Filho de um camponês que se tornou pequeno proprietário rural, frequentou a escola de sua aldeia até os 13 anos de idade, quando teve de começar a trabalhar

nas terras da família. Rebelou-se contra a autoridade paterna, deixando a família para continuar seus estudos. Em Changsha, capital da província, pela primeira vez entrou em contato com as ideias políticas do líder nacionalista Sun Yat-sen. Em outubro de 1911, teve início a revolução contra a dinastia Manchu. Mao alistou-se no exército revolucionário e passou seis meses como soldado. Em 1912, é proclamada a República. De 1913 a 1918, prosseguiu os estudos na Escola Normal de Hunan, onde frequentou cursos de história, literatura e filosofia chinesas. Participou em várias associações estudantis.

Mudou-se para Pequim em 1919, a fim de cursar a universidade. Logo achou-se no centro do Movimento do 4 de Maio, início de uma enorme onda de protestos, greves de operários, boicote aos produtos japoneses, originando um grande movimento de contestação cultural contra as hierarquias, a submissão da mulher, o sistema educacional etc., controlada somente em agosto. A classe operária participou pela primeira vez.

... durante mais de 70 anos, desde a Guerra do Ópio de 1840 até as vésperas do Movimento do 4 de Maio de 1919, os chineses não dispunham de armas ideológicas com que se defender do imperialismo... A Revolução Russa de 1917 despertou os chineses, que aprenderam algo de novo: o marxismo-leninismo... A China mudou de orientação.” (Mao Tse-tung)

Durante a década de 1920, os comunistas se aliaram ao Partido Nacionalista [Kuomintang]. Em 1927, o líder nacionalista Chiang Kai-shek assume o poder e reprime violentamente os comunistas. Mao, com algumas centenas de camponeses, refugiou-se nas montanhas de Jinggang, onde iniciou uma luta guerrilheira que se prolongaria por 22 anos. Em outubro de 1934, acoados, Mao e seu exército se retiraram para o Noroeste do país, iniciando a “Longa Marcha”, durante a qual se firmou como líder do Partido Comunista Chinês. Acompanhado por cerca de 300 mil pessoas, quase todos descalços, levando armas, munições, equipamentos e alimentos, organizavam concentrações populares, pregavam a igualdade, libertavam os camponeses do trabalho escravo, recolhiam pesados impostos dos latifun-

diários e distribuía alimentos. Andaram 10 mil quilômetros. Dos 300 mil, apenas 30 mil chegaram em Shensi, onde Mao estabeleceu seu quartel-general, em outubro de 1935.

Em 1935, os japoneses invadem a China e os comunistas aliam-se ao Kuomintang para combatê-los. Ao terminar a guerra, com a capitulação japonesa, o exército revolucionário tinha cerca de um milhão de soldados e os comunistas controlavam politicamente uma área com cerca de 90 milhões de chineses. Entre 1936 e 1940, escreveu os textos *Sobre a prática*, *Sobre a contradição*, *Problemas estratégicos da guerra revolucionária na China*, *A revolução chinesa e o Partido Comunista Chinês* e *A nova democracia*. Nesses artigos, Mao combatia a tese de Stalin e daqueles que dentro do Partido Comunista Chinês a apoiavam, segundo a qual não se deveria implantar o socialismo na China. Mao ganhou a luta interna e afastou do partido seus oponentes, derrotou o Kuomintang em 1949, à frente do exército revolucionário. Em dezembro, foi proclamado presidente da nova República Popular da China.

Mao continuou governando o país até a morte, em Pequim, em 9 de setembro de 1976.

Os dois textos aqui publicados foram produzidos visando combater tendências equivocadas – de direita e esquerdistas – no seio do Partido Comunista Chinês. Pela profundidade do exame e pela clareza na exposição *Sobre a prática* e *Sobre a contradição* firmaram-se como leituras obrigatórias para quantos objetivem um pensamento científico e uma ação transformadora.

O cabedal teórico e o currículo de dirigente revolucionário de Mao fizeram dele um dos mais autorizados autores sobre as questões da análise da realidade, da formação de planos e da prática revolucionária. Dele se pode dizer, sem dúvida alguma, que produziu quanto pensou e que resgatou teoricamente tudo aquilo que apreendeu no terreno da luta.

SOBRE A PRÁTICA

*Sobre a relação entre o conhecimento
e a prática, entre o saber e o fazer
(julho de 1937)*

Houve camaradas em nosso partido, dogmáticos, que rejeitaram durante muito tempo a experiência da revolução chinesa, negando essa verdade segundo a qual “o marxismo não é um dogma, mas antes um guia para ação”, não fazendo mais do que amedrontar as pessoas com palavras e frases isoladas, extraídas ao acaso dos textos marxistas. Existiram também outros camaradas, empíricos, que durante muito tempo se limitaram à sua fragmentária experiência pessoal, sem compreenderem a importância da teoria para a prática revolucionária nem verem a situação da revolução no seu conjunto. Por mais zelosamente que trabalhassem, o seu trabalho fazia-se às cegas. As concepções erradas desses dois grupos de camaradas, em particular as concepções dogmáticas, causaram um prejuízo enorme à revolução chinesa, durante os anos de 1931-1934. Além disso, os dogmáticos, envoltos na toga marxista, induziram a erro muitos dos nossos camaradas. O presente artigo foi escrito com o fim de desmascarar, partindo da teoria marxista do conhecimento, os erros de caráter subjetivista cometidos pelos partidários do dogmatismo e do empirismo,

sobretudo os primeiros, no interior do nosso partido. Neste trabalho, o acento está posto na denúncia dessa variedade de subjetivismo que menospreza a prática – o dogmatismo; e é por isso que é intitulado “Sobre a prática”. As ideias desenvolvidas aqui pelo camarada Mao Tse-tung, foram oportunamente expostas numa conferência que fez na Academia Militar e Política Antijaponesa de Yen-an. (Comissão do Comitê Central do Partido Comunista da China).

O materialismo pré-marxista considerava os problemas do conhecimento sem levar em conta a natureza social dos homens nem o desenvolvimento histórico da humanidade e, por essa razão, era incapaz de compreender que o conhecimento depende da prática social, quer dizer, depende da produção e da luta de classes.

Os marxistas pensam, acima de tudo, que a atividade dos homens na produção constitui justamente a base da sua atividade prática, o determinante de todas as outras atividades. O conhecimento do homem depende essencialmente da sua atividade de produção material, durante a qual vai compreendendo progressivamente os fenômenos da natureza, as suas propriedades, as suas leis, assim como as relações entre ele próprio, homem, e a natureza; ao mesmo tempo, pela sua atividade de produção, ele aprende a conhecer em graus diversos, e também de uma maneira progressiva, certas relações que existem entre os próprios homens. Todos esses conhecimentos não podem ser adquiridos fora da atividade de produção. Na sociedade sem classes, todo indivíduo isolado, como membro dessa sociedade, colabora com os demais, entra em determinadas relações de produção com estes e entrega-se a uma atividade de produção orientada para a solução dos problemas relativos à vida material dos homens. Nas diferentes sociedades de classes, os membros dessas sociedades, que pertencem às diferentes classes e que, sob formas diversas, entram em determinadas relações de produção, também se entregam a uma atividade de produção orientada para a solução dos problemas relativos à vida material dos homens. Aí está a fonte principal do desenvolvimento do conhecimento humano.

A prática social dos homens não se limita à atividade de produção. Ela apresenta ainda muitas outras formas: luta de classes, vida política, atividade desenvolvida no domínio da ciência e da arte; em resumo, o homem social participa em todos os domínios da vida prática da sociedade. É por essa razão que o homem, na sua atividade cognitiva, apreende em graus diversos as relações distintas que existem entre os homens, não somente na vida material, mas igualmente na vida política e cultural (que está estreitamente ligada à vida material). Entre essas relações, as diversas formas de luta de classes exercem uma influência particularmente profunda sobre o desenvolvimento do conhecimento humano. Numa sociedade de classes, cada indivíduo existe como membro de uma classe determinada, e cada forma de pensamento está invariavelmente marcada com o selo de uma classe.

Os marxistas pensam que a atividade de produção da sociedade humana se desenvolve passo a passo, dos graus inferiores aos superiores; por essa razão, o conhecimento dos homens, quer no que diz respeito à natureza quer sobre a sociedade, desenvolve-se também passo a passo, dos graus inferiores aos superiores, isto é, do simples ao complexo, do unilateral ao multilateral. Durante um período histórico muito longo, os homens não puderam compreender a história da sociedade a não ser de uma maneira unilateral; isso foi assim porque, por um lado, os preconceitos das classes exploradoras deformavam constantemente a história da sociedade e, por outro lado, porque a escala reduzida da produção limitava o horizonte dos homens. Somente quando, com a formação de forças produtivas gigantescas – a grande indústria – surgiu o proletariado moderno, é que os homens puderam chegar a uma compreensão completa e histórica do desenvolvimento histórico da sociedade, e transformar os seus conhecimentos sobre a sociedade numa ciência, a ciência do marxismo.

Os marxistas pensam que somente a prática social dos homens pode constituir o critério da verdade dos conhecimentos que o homem possui sobre o mundo exterior. Com efeito, somente chegando, na prática social (no processo da produção material, da luta de classes, da

experimentação científica), aos resultados esperados é que os homens recebem a confirmação da verdade dos seus conhecimentos. Se se pretende obter êxito no trabalho, isto é, atingir os resultados previstos, é necessário proceder de maneira que as ideias correspondam às leis do mundo exterior objetivo; sem essa correspondência, fracassa-se na prática. Depois de se ter fracassado, é preciso tirar disso a respectiva lição e modificar as ideias de maneira a fazê-las concordar com as leis do mundo objetivo, podendo-se desse modo chegar a converter o fracasso num triunfo. É o que se quer dizer com: “A derrota é a mãe da vitória” e “Cada fracasso nos torna mais experimentados”. A teoria materialista-dialética do conhecimento põe a prática em primeiro lugar, sustentando que o conhecimento humano não pode estar, em nenhum grau, desligado da prática, e rejeitando todas as teorias erradas que negam a importância da prática e desligam o conhecimento da prática. Lenin dizia: “A prática é superior ao conhecimento (teórico), pois ela tem não somente a dignidade do universal, mas também a da realidade imediata”.¹ O materialismo dialético da filosofia marxista tem duas particularidades mais evidentes. Uma é o seu caráter de classe: afirma abertamente que o materialismo dialético serve ao proletariado; a outra é o seu caráter prático: sublinha o fato de a teoria depender da prática, de a teoria basear-se na prática e, por sua vez, servir à prática. A verdade de um conhecimento ou de uma teoria é determinada não por uma apreciação subjetiva, mas sim pelos resultados da prática social objetiva. O critério da verdade não pode ser outro senão a prática social. O ponto de vista da prática é o ponto de vista primordial, fundamental, da teoria materialista-dialética do conhecimento.²

Mas de que maneira o conhecimento humano nasce da prática e como serve, a seu turno, a essa mesma prática? Para compreender isso basta examinar o processo de desenvolvimento do conhecimento.

¹ V. I. Lenin: “Resumo do livro de Hegel *A ciência da Lógica*”.

² Ver K. Marx: *Teses sobre Feuerbach*; V. I. Lenin: *Materialismo e empiriocriticismo*, capítulo II, seção 6.

Com efeito, no processo de sua atividade prática, os homens não veem, ao começo, senão o aspecto exterior dos diferentes fenômenos encontrados ao longo desse processo; eles veem aspectos isolados dos fenômenos, a ligação externa dos fenômenos isolados. É assim que, por exemplo, as pessoas vindas do exterior para investigar em Yen-an viram, no primeiro ou segundo dia, a configuração, as ruas e as casas da região; entraram em contato com muita gente, assistiram a recepções, saraus, reuniões, ouviram diferentes intervenções, leram diversos documentos; tudo isso são aspectos exteriores dos fenômenos, aspectos isolados desses fenômenos, a sua ligação externa. Esse grau do processo do conhecimento chama-se grau da percepção sensível, isto é, o grau das sensações e das representações. Esses diferentes fenômenos, encontrados em Yen-an, atuando sobre os órgãos dos sentidos dos senhores dos grupos de investigação, suscitaram neles sensações determinadas; na sua consciência surgiu uma série de representações e estabeleceu-se um laço aproximativo, exterior, entre essas representações: tal é o primeiro grau do conhecimento. Nesse grau, os homens ainda não podem elaborar conceitos profundos nem podem chegar a conclusões lógicas.

A continuação da prática social implica a múltipla repetição de fenômenos que suscitam sensações e representações no homem. É então que se produz na consciência humana uma mutação súbita (um salto) no processo do conhecimento: o aparecimento dos conceitos. O conceito já não reflete mais os aspectos exteriores dos fenômenos, os seus aspectos isolados, a sua ligação externa; ele capta a essência dos fenômenos, os fenômenos no seu conjunto, a ligação interna dos fenômenos. Entre o conceito e a sensação, a diferença não é somente quantitativa, ela é também qualitativa. O desenvolvimento que intervém ulteriormente nessa direção, o emprego dos métodos de juízo, de dedução, podem desembocar em conclusões lógicas. Quando, no *Romance dos Três Reinos*, se diz “Basta um franzir de sobrancelha para que um estratagema venha à mente”, ou ainda quando nós dizemos, correntemente, “Deixe-me refletir”, isso significa que o homem opera

intelectualmente usando conceitos, a fim de fazer juízos e proceder a deduções. Esse é o segundo grau do conhecimento. Os senhores dos grupos de investigação que vêm até nós, depois de reunirem um material variado e “refletirem” nele, podem fazer o seguinte juízo: “A política de Frente Única Nacional Antijaponesa, aplicada pelo Partido Comunista, é, conseqüente, sincera e genuína”. E se, com a mesma honestidade, eles são partidários da unidade a fim de assegurar a salvação da pátria, após um tal juízo, poderão ir ainda mais longe e extrair a seguinte conclusão: “A Frente Única Nacional Antijaponesa pode ter êxito”. No processo geral do conhecimento de qualquer fenômeno pelos homens, esse grau dos conceitos, dos juízos e das deduções aparece como um grau ainda mais importante, o grau do conhecimento racional. A verdadeira tarefa do conhecimento consiste em se elevar da sensação ao pensamento, em se elevar até a elucidação progressiva das contradições internas nos fenômenos que existem objetivamente, até a elucidação das suas leis, da ligação interna dos diferentes processos, isto é, consiste em atingir o conhecimento lógico. Repetimos: o conhecimento lógico difere do conhecimento sensível na medida em que o conhecimento sensível abraça aspectos isolados dos fenômenos, os seus aspectos exteriores, a ligação externa dos fenômenos, enquanto que o conhecimento lógico, dando um enorme passo à frente, abarca os fenômenos por inteiro, a sua essência e a ligação interna dos fenômenos, eleva-se até ao ponto de evidenciar as contradições internas do mundo objetivo e, por isso mesmo, pode chegar a dominar o desenvolvimento desse mundo na sua integridade, com as suas ligações gerais internas.

Essa teoria materialista-dialética do processo de desenvolvimento do conhecimento, fundada na prática, indo do superficial ao profundo, era desconhecida antes do marxismo. Foi o materialismo marxista que, pela primeira vez, resolveu corretamente esse problema, pôs em evidência, de uma maneira materialista e dialética, o movimento do conhecimento segundo a linha do seu aprofundar contínuo, o movimento progressivo do conhecimento dos homens, como seres sociais,

na prática complexa e constantemente repetida da produção e da luta de classes; o movimento do conhecimento sensível ao conhecimento lógico. Lenin dizia: “As abstrações de matéria e de lei natural, a abstração de valor etc., numa palavra, todas as abstrações científicas (justas, sérias, não arbitrárias) refletem a natureza mais profundamente, mais fielmente, mais completamente”.³ O marxismo-leninismo considera que os traços distintivos dos dois graus do processo do conhecimento consistem no fato de o conhecimento intervir, no grau inferior, enquanto conhecimento sensível, ao passo que intervém, no grau superior, como conhecimento lógico. Todavia, esses dois graus constituem os graus de um processo único do conhecimento. O conhecimento sensível e o conhecimento racional diferem pelo seu caráter, mas não estão separados um do outro, estão unidos na base prática. A nossa prática testemunha que os fenômenos de que temos uma percepção sensível não podem ser imediatamente compreendidos por nós, e só os fenômenos compreendidos podem ser sentidos de uma maneira mais profunda. A sensação só pode resolver o problema da aparência dos aspectos exteriores dos fenômenos; o problema da essência só pode ser resolvido pelo pensamento teórico. A solução desses problemas não pode se separar em nenhum grau da prática. Todo aquele que quiser conhecer um fenômeno não pode conseguí-lo sem se pôr em contato com esse fenômeno, isto é, sem viver (entregar-se à prática) no seu próprio seio. Era impossível conhecer de antemão as leis da sociedade capitalista enquanto se estava vivendo a sociedade feudal, dado que o capitalismo ainda não havia surgido e faltava a prática correspondente. O marxismo só podia ser produzido pela sociedade capitalista. Na época do capitalismo liberal, Marx não podia conhecer concretamente, de antemão, certas leis próprias da época do imperialismo, dado que o imperialismo, fase final do capitalismo, ainda não havia feito a sua aparição, e faltava a prática correspondente; só Lenin e Stalin puderam assumir essa tarefa. Marx, Engels, Lenin e Stalin puderam criar a sua

³ V. I. Lenin: “Resumo do livro de Hegel *A ciência da Lógica*”.

teoria não só em razão do seu gênio, mas, sobretudo, porque tomaram pessoalmente parte na prática, correspondente a essa época, da luta de classes e das experiências científicas; sem essa última condição, nenhum gênio teria podido chegar ao sucesso. A expressão “O bacharel, sem atravessar o umbral da sua porta, pode conhecer tudo o que se passa na terra” era uma frase vazia dos tempos antigos em que a técnica não estava ainda desenvolvida, e se na nossa época de técnica desenvolvida isso parece realizável, apenas os indivíduos ligados à prática do “que se passa na terra” podem possuir conhecimentos autênticos, adquiridos graças à sua experiência pessoal; esses indivíduos, na sua prática, adquirem “conhecimentos” que, graças à escrita e à técnica, podem ser transmitidos ao bacharel, dando-lhe a possibilidade de conhecer, indiretamente, “tudo o que se passa na terra”. Para conhecer diretamente um fenômeno ou fenômenos, é indispensável participar pessoalmente na luta prática que visa modificar a realidade, esse fenômeno ou esses fenômenos, pois só participando pessoalmente em tal luta prática se torna possível entrar em contato com o aspecto exterior do fenômeno ou fenômenos, só assim é possível descobrir a essência do fenômeno ou fenômenos, e compreendê-los. Tal é o processo de conhecimento que os homens seguem na realidade; só que alguns deformam deliberadamente os fatos e pretendem o contrário. Os mais ridículos são os chamados “sabe-tudo”, que, cheios de conhecimentos ocasionais, fragmentários, consideram-se “autoridades número um do mundo”, o que comprova justamente a sua tolice desmesurada. O conhecimento é uma questão de ciência, não admite a menor desonestidade ou presunção. O que se requer é precisamente o contrário – honestidade e modéstia. Se se deseja adquirir conhecimentos, é preciso tomar parte na prática que transforma a realidade. Se se quer conhecer o gosto de uma pera é preciso transformá-la, prová-la. Se se quer conhecer a estrutura e as propriedades do átomo, é preciso entregar-se a experiências físicas e químicas, modificar o estado do átomo. Se se quer conhecer a teoria e os métodos da revolução, é preciso participar na revolução. Todos os conhecimentos autênticos resultam da experiência direta. Mas o

homem não pode ter uma experiência direta de tudo, razão pela qual a maior parte dos nossos conhecimentos é, na realidade, o produto de uma experiência indireta, são conhecimentos que nos vêm de todos os séculos passados, ou conhecimentos que foram adquiridos por homens de outros países. Esses conhecimentos são o produto da experiência direta dos nossos antepassados, ou da experiência direta de estrangeiros. Se, durante a experiência direta dos nossos antepassados e estrangeiros, esses conhecimentos respondiam à condição de que falava Lenin, quer dizer, se eram o resultado de uma “abstração científica”, se eram o reflexo científico de fenômenos com existência objetiva, tais conhecimentos são seguros; caso contrário, não o são. É por isso que os conhecimentos do homem se compõem de duas partes: os dados pela experiência direta e os dados pela experiência indireta. Contudo, o que para mim é experiência indireta, permanece para os outros experiência direta. Segue-se daí que, falando dos conhecimentos no seu conjunto, pode-se dizer que nenhum conhecimento pode ser desligado da experiência direta. A fonte de todo conhecimento são as sensações recebidas do mundo exterior objetivo, pelos órgãos dos sentidos do homem. Os que negam a sensação, a experiência direta, a participação pessoal na prática que modifica a realidade, não são materialistas. Essa a razão pela qual os “sabe-tudo” são tão ridículos. Os chineses têm um velho provérbio que diz: “Se não se penetra no covil do tigre não se lhe podem apanhar as crias”. Esse provérbio é verdadeiro para a prática humana e, na mesma medida, para a teoria do conhecimento. O conhecimento desligado da prática é inconcebível.

Para colocar em evidência o movimento materialista dialético do conhecimento, que surgiu na base da prática transformadora da realidade – movimento do aprofundamento progressivo do conhecimento – vamos dar alguns exemplos concretos.

No período inicial da sua prática, período da destruição das máquinas e da luta espontânea, o proletariado, no seu conhecimento da sociedade capitalista, apenas se encontrava no grau do conhecimento sensível e não conhecia mais do que aspectos isolados e a ligação

externa dos diferentes fenômenos do capitalismo. Nessa época, o proletariado ainda não era mais que aquilo a que se chama uma “classe em si”. Assim que começou, porém, o segundo período da prática do proletariado, período da luta econômica e política consciente e organizada, quando a experiência múltipla resultante da prática, a experiência adquirida ao longo de uma luta prolongada, foi generalizada cientificamente por Marx e Engels, e nasceu a teoria marxista utilizada para esclarecer o proletariado, teoria que ensina o proletariado a compreender a essência da sociedade capitalista, a compreender as relações de exploração entre as classes sociais, a compreender as tarefas históricas do proletariado, este se tornou “classe para si”.

Esse foi o caminho que o povo chinês seguiu no seu conhecimento do imperialismo. O primeiro grau foi do conhecimento sensível, superficial, da luta indiscriminada contra os estrangeiros, a época do Movimento do Reino Celestial dos Taiping, do Movimento de Yejetuan e outros. Só o segundo grau é que foi do conhecimento racional, quando o povo chinês identificou as diferentes contradições internas e externas do imperialismo, quando viu a essência da opressão e da exploração das grandes massas populares da China pelo imperialismo aliado à burguesia compradora chinesa e à classe feudal chinesa, conhecimento racional que começou com o período do Movimento de 4 de Maio de 1919.

Vejam agora a guerra. Se a guerra fosse dirigida por pessoas sem experiência militar, no começo, elas não poderiam compreender as leis profundas que regem o desenrolar de uma guerra concreta (por exemplo, o desenrolar da nossa Guerra Revolucionária Agrária dos últimos dez anos). No início, elas não poderiam adquirir senão a experiência da participação pessoal em numerosas batalhas, das quais um número importante terminaria em derrotas. Contudo, essa experiência (a experiência das vitórias e, sobretudo, das derrotas) lhes daria a possibilidade de compreender os elementos de ordem interna que marcam toda guerra no seu conjunto, quer dizer, as leis dessa guerra concreta, de compreender a estratégia e a tática e, em

consequência, lhes daria a possibilidade de dirigir a guerra com segurança. Se se confiasse, nesse momento, a direção da guerra a um homem desprovido de experiência, ele não poderia compreender as leis reais da guerra senão depois de ter sofrido uma série de derrotas (isto é, depois de ter adquirido experiência).

Com frequência, ouvem-se certos camaradas, que não se decidem a se ocuparem de tal ou qual trabalho, declarar que não estão certos de poder se desincumbir da tarefa. Por que é que pensam assim? Porque não têm uma ideia sistemática do conteúdo e das condições desse trabalho, nunca tiveram ocasião de realizar um trabalho semelhante ou só raramente o fizeram. Eis porque, com relação a eles, nem sequer se pode falar de conhecimento das respectivas leis. Só depois de se ter analisado em detalhe, na sua presença, o estado e as condições desse trabalho, é que começam a experimentar mais confiança em si próprios e aceitam a responsabilidade da respectiva realização. Se essas pessoas se consagram durante um certo tempo a essa tarefa, adquirem experiência e, se tentaram honestamente ir ao fundo da situação concreta, em vez de considerar as coisas de uma maneira subjetiva, unilateral e superficial, tiram por si sós as conclusões relativas à maneira como convém efetuá-la, e se metem com maior segurança ao trabalho. Só as pessoas que têm uma visão subjetivista, unilateral e superficial dos problemas se lançam presunçosamente a dar ordens e instruções assim que chegam a um novo lugar, sem se informar primeiro sobre as circunstâncias, sem procurar ver as coisas no seu conjunto (a sua história e o seu estado atual considerado como um todo) nem apreender-lhes a essência (a sua natureza e a sua ligação interna com as outras coisas). É inevitável que tal gente tropece e caia.

Em consequência, o primeiro passo no processo do conhecimento é o primeiro contato com os fenômenos do mundo exterior: o grau das sensações. O segundo é a síntese dos dados fornecidos pelas sensações, a sua ordenação e elaboração: o grau dos conceitos, dos juízos e das deduções. E somente em presença de um grande número de dados

fornecidos pelas sensações (não dados fragmentários, incompletos), e só no caso de elas corresponderem à realidade (quer dizer, no caso de não serem resultado de um erro dos sentidos), que se torna possível, na base desses dados, elaborar conceitos corretos e formular uma teoria correta.

Há aqui dois elementos importantes que convém especialmente destacar. Já se falou no primeiro, mas é necessário voltar a falar uma vez mais: é o problema da dependência em que se encontra o conhecimento racional em relação ao conhecimento sensível. Os que consideram que o conhecimento racional pode deixar de vir do conhecimento sensível são idealistas. Na história da filosofia, houve uma escola, chamada “racionalista”, que só reconhecia a realidade da razão, negava a realidade da experiência, afirmava que não se podia confiar senão na razão e nunca na experiência fornecida pela percepção sensível; o erro dessa tendência consiste na inversão que faz dos fatos. Se é possível nos apoiarmos nos dados do conhecimento racional, é justamente porque esses se originam nos dados da percepção sensível; do contrário, tais dados do conhecimento racional se tornariam um rio sem nascente, uma árvore sem raízes, seriam algo em que nada poderia se apoiar, algo que nascesse de maneira exclusivamente subjetiva. Do ponto de vista da ordem do processo do conhecimento, a experiência sensível é o primeiro dado, e nós sublinhamos a importância da prática social no processo do conhecimento porque o conhecimento humano só pode surgir baseado na prática social do homem, assim como somente baseado nessa prática é que o homem pode adquirir a experiência sensível proveniente do mundo objetivo exterior. Se o homem fechasse os olhos, tapasse as orelhas e se desligasse em absoluto do mundo exterior, não se poderia, com relação a ele, sequer falar de conhecimento. O conhecimento começa com a experiência, e nisso reside o materialismo da teoria do conhecimento.

O segundo elemento é a necessidade de aprofundar o conhecimento, a necessidade de passar do grau do conhecimento sensível ao grau do conhecimento racional: nisso está a dialética da teoria do

conhecimento.⁴ Pensar que o conhecimento pode se deter no grau inferior, no grau do conhecimento sensível, pensar que podemos nos apoiar simplesmente sobre o conhecimento sensível e não sobre o conhecimento racional, significa repetir o erro, assinalado pela história, dos “empíricos”. O erro dessa teoria consiste na incompreensão do fato de que, embora os dados da percepção sensível sejam, sem dúvida alguma, o reflexo de certas realidades do mundo exterior objetivo (eu não abordarei aqui o empirismo idealista, que limita a experiência ao que se chama introspeção), eles são unilaterais, superficiais, sendo aquele reflexo um reflexo incompleto, que não reflete a essência dos fenômenos. Para refletir plenamente um fenômeno na totalidade, para refletir a essência e as leis internas, é preciso criar um sistema de conceitos e teorias, depois de se terem submetido os múltiplos dados da percepção sensível a uma elaboração mental, que consiste em rejeitar a casca para guardar o grão, em eliminar o falso para conservar o verdadeiro, em passar de um aspecto dos fenômenos a outro, do externo ao interno; é preciso saltar do conhecimento sensível ao conhecimento racional. Essa elaboração não torna nossos conhecimentos menos ricos, menos seguros. Ao contrário, tudo o que, após ter surgido no processo do conhecimento na base da prática, foi submetido a uma elaboração científica reflete, como dizia Lenin, o mundo objetivo de uma maneira mais profunda, mais justa, mais completa. É justamente isso que os “práticos” vulgares não compreendem. Eles se inclinam diante da experiência e desprezam a teoria, em consequência de que não podem abarcar o processo objetivo no seu conjunto, sofrem de falta de clareza de orientação, de perspectiva larga, e se embriagam com seus sucessos ocasionais e suas vistas curtas. Se esses indivíduos dirigissem a revolução, a conduziriam a um beco sem saída.

O conhecimento racional depende do conhecimento sensível e este deve se desenvolver em conhecimento racional. Assim é a

⁴ Ver V. I. Lenin: “Resumo do livro de Hegel *A ciência da Lógica*”. Lenin dizia: “Para compreender, é preciso começar a compreender, a estudar de uma maneira empírica, a elevar-se do empírico ao geral”.

teoria materialista-dialética do conhecimento. O “racionalismo” e o “empirismo”, em filosofia, não compreendem o caráter histórico ou dialético do conhecimento; embora cada uma dessas tendências ofereça um aspecto da verdade (trata-se do racionalismo e do empirismo materialistas, não idealistas), ambas se afiguram erradas, quando consideradas do ponto de vista da teoria do conhecimento no seu conjunto. O movimento materialista dialético do conhecimento do sensível ao racional intervém tanto no processo do conhecimento do pequeno (por exemplo, o conhecimento de um objeto, de um trabalho qualquer), quanto no processo do conhecimento do grande (por exemplo, o conhecimento de tal ou qual sociedade, de tal ou qual revolução).

Atualmente, o movimento do conhecimento não termina aí. Se o movimento materialista dialético do conhecimento se detivesse no conhecimento racional, somente metade do problema ficaria esgotado; além disso, do ponto de vista da filosofia marxista, essa não seria a metade mais importante. A filosofia marxista sustenta que a questão mais importante não é compreender as leis do mundo objetivo e poder, por isso, explicá-lo, mas sim utilizar o conhecimento dessas leis para transformar ativamente o mundo. Do ponto de vista marxista, a teoria é importante, e a sua importância se exprime plenamente na seguinte frase de Lenin: “Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”.⁵ Contudo, o marxismo atribui uma grande importância à teoria, justa e unicamente porque ela pode guiar a atividade prática. Se, quando conhecemos uma teoria justa, nos contentamos em fazer dela um simples tema de conversação e, em vez de a colocarmos em prática, nós a deixamos de lado, essa teoria, por mais bela que seja, não poderá ter qualquer significado. O conhecimento começa pela prática; e, uma vez adquirido o conhecimento teórico através da prática, é preciso levá-lo de novo à prática. A função ativa do conhecimento não se exprime somente no salto ativo

⁵ V. I. Lenin: *Que fazer?*, capítulo I, seção 4.

do conhecimento sensível ao conhecimento racional, mas também, e o que é ainda mais importante, no salto do conhecimento racional à prática revolucionária. Uma vez adquirido o conhecimento das leis do mundo, deve-se dirigi-lo para a prática da transformação do mundo, aplicá-lo na prática da produção, na prática da luta de classes e da luta nacional revolucionárias, assim como na prática da experimentação científica. Tal é o processo de verificação e de desenvolvimento da teoria, a continuação de todo o processo do conhecimento. A questão de saber se uma proposta teórica corresponde à verdade objetiva não é, nem pode ser, inteiramente resolvida no movimento do conhecimento sensível ao conhecimento racional de que acima falamos. Para resolver completamente essa questão é necessário, a partir do conhecimento racional, regressar à prática social; aplicar a teoria na prática e verificar se ela pode conduzir ao objetivo fixado. Muitas das teorias das ciências da natureza foram reconhecidas como verdadeiras, não só por terem sido elaboradas por sábios que se devotam a essas ciências, mas também por terem encontrado confirmação na prática científica ulterior. Do mesmo modo, o marxismo-leninismo é reconhecido como verdade não só pelo fato de essa doutrina ter sido cientificamente elaborada por Marx, Engels, Lenin e Stalin, mas também por ter sido confirmada pela prática posterior da luta de classes e da luta nacional revolucionárias. O materialismo dialético é uma verdade universal porque é impossível, na prática, sair desse quadro. A história do conhecimento humano mostra que a verdade de muitas teorias não era suficientemente completa, mas, em consequência da verificação na prática, essa insuficiência foi eliminada. Muitas teorias eram erradas, mas, em consequência da sua verificação na prática, os seus erros foram corrigidos. É por isso que a prática é o critério da verdade, e “o ponto de vista da vida, da prática, deve ser o ponto de vista primordial, fundamental, da teoria do conhecimento”.⁶ Stalin exprimiu-se de uma maneira notável a esse respeito: “A teoria deixa

⁶ V. I. Lenin: *Materialismo e empiriocriticismo*, capítulo II, seção 6.

de ter sentido se não for ligada à prática revolucionária, exatamente como a prática se torna cega se a teoria revolucionária não ilumina o seu caminho”.⁷

É aí que termina o movimento do conhecimento? Nós respondemos sim e não. O homem, como membro da sociedade que participa na prática da modificação de um processo objetivo determinado num determinado estágio do seu desenvolvimento (seja da prática da modificação de um processo produzindo-se na natureza, seja da prática da modificação de um processo social qualquer), recebe, sob a influência do reflexo do processo objetivo e da sua própria atividade subjetiva, a possibilidade de passar do conhecimento sensível ao conhecimento racional e de criar ideias, teorias, planos ou projetos que correspondem, em geral, às leis desse processo objetivo; e se na aplicação posterior dessas ideias, teorias, planos e projetos, na prática do mesmo processo objetivo, se chega ao objetivo fixado, isto é, se se consegue, na prática desse processo, transformar em realidade as ideias, teorias, planos e projetos previamente elaborados, ou se se chega a realizá-los nas suas linhas gerais, o movimento do conhecimento desse processo objetivo pode considerar-se terminado. Por exemplo, no processo de uma modificação da natureza, a realização do plano de uma construção, a confirmação de uma hipótese científica, a criação de um mecanismo, a colheita de uma planta cultivada, ou então, no processo de uma modificação da sociedade, o sucesso de uma greve, a vitória numa guerra, a execução de um programa de ensino, tudo isso significa que o objetivo fixado foi atingido. Contudo, de um modo geral, tanto na prática da modificação da natureza quanto na da modificação da sociedade, é extremamente raro que as ideias, teorias, planos e projetos previamente elaborados pelos homens se realizem sem sofrer a mínima alteração. Isso se produz porque as pessoas que modificam a realidade se encontram geralmente condicionadas por múltiplas limitações: elas se encontram limitadas não somente pelas

⁷ J. V. Stalin: “*Fundamentos do leninismo*”, parte III.

condições científicas e técnicas, mas ainda pelo desenvolvimento do próprio processo objetivo e pelo grau em que ele se manifesta (por ainda não terem sido completamente esclarecidos os diferentes aspectos e a essência do próprio processo objetivo). Nessa situação, dada a formação, na prática, de circunstâncias imprevistas, as ideias, as teorias, os planos e os projetos resultam, muitas vezes, parcialmente modificados e, em alguns casos, até mesmo completamente. Isso significa que existem casos em que as ideias, teorias, planos e projetos, tal como haviam sido originariamente elaborados, não correspondem em parte ou no todo à realidade, resultam parcial ou totalmente errados. Em muitos casos, só depois de repetidas falhas se consegue eliminar o erro, obter a correspondência com as leis do processo objetivo e transformar, assim, o subjetivo em objetivo, quer dizer, chegar, na prática, aos resultados esperados. Em todo caso, é nesse momento que o movimento do conhecimento pelos homens de um processo objetivo determinado, num grau determinado do seu desenvolvimento, pode ser considerado acabado.

Todavia, se se considera o processo no seu desenvolvimento, o movimento do conhecimento humano não termina aí. Quer na natureza, quer na sociedade, todos os processos, em consequência das suas contradições e lutas internas, progredem e se desenvolvem. E o processo do conhecimento humano deve igualmente progredir e se desenvolver com eles. Se se fala de um movimento social, os verdadeiros dirigentes revolucionários devem não só ser capazes de corrigir os erros existentes nas suas ideias, teorias, planos e projetos, como se disse anteriormente, mas ainda, por ocasião da passagem desse processo objetivo determinado de um grau a outro do seu desenvolvimento, se tornar a si próprios e a todos os demais participantes da revolução, capazes de seguir essa passagem no seu conhecimento subjetivo, isto é, chegar a fazer a correspondência das novas tarefas revolucionárias, dos novos planos de trabalho, às novas modificações surgidas na situação. Num período revolucionário, a situação se modifica muito rapidamente; se a consciência dos revolucionários não chega a seguir

com rapidez tais modificações, eles são impotentes para conduzir a revolução à vitória.

Acontece frequentemente, porém, que as ideias se atrasam em comparação com a realidade. Isso se dá porque o conhecimento humano está limitado por várias condições sociais. Nós lutamos contra os obstinados nas fileiras revolucionárias porque as suas ideias não seguem o ritmo das modificações da situação objetiva, o que na história se tem manifestado sob a forma de oportunismo de direita. Esses indivíduos não veem que a luta dos contrários já fez avançar o processo objetivo, enquanto que o seu conhecimento permanece ainda no grau precedente. Essa particularidade é característica das ideias de todos os obstinados. As suas ideias estão desligadas da prática social, não podem se colocar à frente do carro do progresso social e servir de guias; eles não sabem mais do que ficar atrás e queixar-se que o carro vai muito depressa, tentando puxá-lo para trás ou fazê-lo correr em sentido contrário.

Nós lutamos igualmente contra a verborragia “esquerdista”. As suas ideias se aventuram além de uma etapa determinada do desenvolvimento do processo objetivo; uns tomam as suas ilusões por realidades, outros tentam realizar à força, no presente, ideais que só são realizáveis no futuro; desligadas da prática corrente da maioria das pessoas, desligadas da realidade atual, suas ideias traduzem, na prática, um espírito de aventura.

A ruptura entre o subjetivo e o objetivo, a separação do conhecimento da prática, são características do idealismo e do materialismo mecanicista, do oportunismo e do espírito de aventura. A teoria marxista-leninista do conhecimento, que se caracteriza pela prática social científica, não pode deixar de lutar com resolução contra tais concepções erradas. Os marxistas reconhecem que, no processo geral, absoluto, de desenvolvimento do Universo, o desenvolvimento de processos concretos particulares é relativo. É por isso que, na corrente infinita da verdade absoluta, o conhecimento que os homens têm de processos concretos particulares, em etapas determinadas do seu

desenvolvimento, não contém mais que verdades relativas. A verdade absoluta⁸ é constituída pela soma de incontáveis verdades relativas. O desenvolvimento do processo objetivo é um desenvolvimento pleno de contradições e de lutas. O desenvolvimento do processo do conhecimento humano é igualmente um desenvolvimento pleno de contradições e de lutas. Todo movimento dialético do mundo objetivo pode, tarde ou cedo, encontrar o seu reflexo no conhecimento humano. Na prática social, o processo do nascimento, desenvolvimento e morte é infinito; igualmente infinito é o processo do nascimento, desenvolvimento e morte do conhecimento humano. É justamente porque a prática que modifica a realidade objetiva na base de ideias, teorias, planos e projetos determinados está em progressão constante que o conhecimento humano da realidade objetiva se aprofunda sem cessar. O movimento de modificação do mundo real, objetivo, é eterno e ilimitado; igualmente eterno e ilimitado é o conhecimento que os homens obtêm da verdade no processo da prática. O marxismo-leninismo não põe de maneira alguma fim à descoberta da verdade; ao contrário, ele abre sem cessar as vias do conhecimento da verdade no processo da prática. A nossa conclusão é que nós somos pela unidade histórica, concreta, do subjetivo e do objetivo, da teoria e da prática, do conhecimento e da ação; nós somos contra todas as concepções erradas – de “esquerda” e de direita – desligadas da história concreta.

Na época atual do desenvolvimento social, a história encarregou o proletariado e o seu partido da responsabilidade de conhecer o mundo de uma maneira exata e transformá-lo. Na China, como no mundo inteiro, o processo da prática de transformação do mundo, determinado na base do conhecimento científico, já atingiu um momento histórico de alta importância, um momento como a história da humanidade ainda não conheceu: o momento que vê se dissiparem completamente as trevas na China e no mundo inteiro e a transforma-

⁸ Ver V. I. Lenin: *Materialismo empiriocriticismo*, capítulo II, seção 5.

ção deste mundo num mundo novo, radioso. A luta do proletariado e dos povos revolucionários pela transformação do mundo implica a realização das seguintes tarefas: a transformação do mundo objetivo, como a do próprio mundo subjetivo de cada um – a transformação das próprias capacidades cognitivas de cada um, como a da relação existente entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo. Numa parte do globo terrestre, na União Soviética, os homens já realizaram essas transformações e aceleram atualmente o seu processo. O povo chinês e os povos do mundo inteiro estão hoje igualmente empenhados, ou estarão empenhados no futuro, no processo de tais transformações. O mundo objetivo a transformar inclui igualmente todos os adversários dessa transformação; eles devem no início passar pela etapa da transformação, pela coação, depois poderão abordar a etapa da reeducação consciente. A época em que a humanidade inteira passar conscientemente à sua própria transformação e à transformação do mundo, será a etapa do comunismo no mundo inteiro.

Pela prática, descobrir as verdades e, igualmente pela prática, confirmá-las e desenvolvê-las. Passar ativamente do conhecimento sensível ao conhecimento racional; depois, passar do conhecimento racional à direção ativa da prática revolucionária, para transformar o mundo subjetivo e objetivo. A prática, o conhecimento, e novamente a prática e o conhecimento, essa forma, na sua repetição cíclica, é infinita. Além disso, o conteúdo de cada um desses ciclos de prática e de conhecimento vai-se elevando a um plano cada vez mais alto. Tal é, no seu conjunto, a teoria materialista-dialética do conhecimento, tal é a concepção materialista-dialética da unidade do conhecimento e da ação.

SOBRE A CONTRADIÇÃO

(Agosto de 1937)

Obra filosófica escrita por Mao Tse-tung em continuidade a “Sobre a prática”, com a mesma finalidade: eliminar as erradas concepções dogmáticas existentes no seio do partido. Mao Tse-tung apresentou-a como uma conferência na Academia Militar e Política Antijaponesa de Yen-an. O autor realizou alguns acréscimos, supressões e correções, para a publicação de suas Obras Escolhidas. (Comissão do Comitê Central do Partido Comunista Chinês)

A lei da contradição inerente aos fenômenos, ou lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da dialética materialista. Lenin dizia: “No sentido próprio, a dialética é o estudo da contradição na própria essência dos fenômenos”.¹ Sobre essa lei, Lenin dizia com frequência que era a essência da dialética, afirmando também que era o núcleo

¹ V. I. Lenin: “Notas sobre o livro de Hegel *Lições de história da Filosofia*”, Tomo I, “Escola dos Eleatas”, em “Resumo do livro de Hegel *Lições da história da Filosofia*”.

da dialética.² É assim que, ao estudarmos tal lei, somos obrigados a abordar um amplo círculo de problemas, um grande número de questões filosóficas. Se formos capazes de esclarecer todas essas questões, compreenderemos a dialética materialista nos seus verdadeiros fundamentos. Essas questões são: as duas concepções do mundo, a universalidade da contradição, a particularidade da contradição, a contradição principal e o aspecto principal da contradição, a identidade e a luta dos aspectos da contradição, o lugar do antagonismo na contradição. A crítica a que o idealismo da escola de Deborin foi submetido nesses últimos anos nos círculos filosóficos soviéticos suscitou um grande interesse entre nós. O idealismo de Deborin exerceu uma influência das mais perniciosas no seio do Partido Comunista da China, não se podendo dizer que as concepções dogmáticas existentes no nosso partido não tenham coisa alguma a ver com tal escola. É por isso que, atualmente, o objetivo principal do nosso estudo da filosofia é extirpar as concepções dogmáticas.

I. As duas concepções do mundo

Na história do conhecimento humano existiram sempre duas concepções sobre as leis do desenvolvimento do mundo: uma metafísica, outra dialética. Elas constituem duas concepções opostas sobre o mundo. Lenin dizia:

As duas concepções fundamentais (ou as duas possíveis? ou as duas dadas pela história?) do desenvolvimento (da evolução) são: o desenvolvimento como diminuição e aumento, como repetição, e o desenvolvimento como unidade de contrários (desdobramento do que é um em contrários que se excluem mutuamente, e relações entre eles).³

² Ver V. I. Lenin: “*Sobre a questão da dialética*”, onde ele diz: “O desdobramento do que é um e o conhecimento das suas partes contraditórias constituem o mundo da dialética” e “Resumo do livro de Hegel *A ciência da Lógica*”, onde Lenin diz: “Pode se definir brevemente a dialética como sendo a teoria da unidade dos contrários. Com isso se domina o cerne da dialética, mas se tornam necessárias explicações e um desenvolvimento”.

³ V. I. Lenin: “*Sobre a questão da dialética*”.

Lenin se referia aí exatamente às duas concepções distintas sobre o mundo.

O modo de pensar metafísico, próprio da concepção idealista do mundo, ocupou durante um longo período da história um lugar predominante no espírito das pessoas, quer na China quer na Europa. Na Europa, o próprio materialismo foi metafísico nos primeiros tempos da existência da burguesia. Como resultado de toda uma série de Estados europeus, ao longo do seu desenvolvimento econômico-social, terem entrado na fase de um capitalismo altamente desenvolvido, e de as forças produtivas, a luta de classes e a ciência, terem atingido um nível de desenvolvimento sem precedente na história, e ainda como resultado de o proletariado industrial se ter transformado na maior força motriz da história, nasceu a concepção materialista-dialética, marxista, do mundo. A partir de então, ao lado de um idealismo reacionário patente e sem nenhuma camuflagem, apareceu, no seio da burguesia, um evolucionismo vulgar, oposto à dialética materialista.

A metafísica, o evolucionismo vulgar, considera todos os fenômenos do mundo como isolados e em estado de repouso; considera-os unilateralmente. Tal concepção do mundo faz ver todos os fenômenos, formas e categorias como eternamente isolados uns dos outros, como eternamente imutáveis. E se se reconhecem as mudanças é apenas como aumento ou diminuição quantitativos, como simples deslocação, residindo as causas desse aumento, diminuição e deslocação não nos próprios fenômenos, mas sim fora deles, isto é, na ação de forças exteriores. Os metafísicos sustentam que os diferentes fenômenos do mundo, assim como o seu caráter específico, permanecem imutáveis desde o começo da sua existência, sendo as modificações posteriores apenas aumentos ou diminuições quantitativos. Pensam que um fenômeno não pode fazer mais do que se reproduzir indefinidamente, sendo incapaz de se transformar em fenômeno diferente. Segundo eles, tudo o que caracteriza a sociedade capitalista, quer dizer, a exploração, a concorrência, o individualismo etc., encontrava-se igualmente na

sociedade escravista da antiguidade, inclusive na própria sociedade primitiva, e há de continuar a existir de modo eterno, imutável. As causas do desenvolvimento da sociedade, eles as explicam por condições exteriores a esta, como o meio geográfico, o clima etc. De maneira simplista, tentam encontrar as causas do desenvolvimento fora dos próprios fenômenos, negando a tese da dialética materialista segundo a qual o desenvolvimento dos fenômenos é determinado pelas respectivas contradições internas. Por isso, são incapazes de explicar a diversidade qualitativa dos fenômenos, bem como a transformação de uma qualidade em uma outra. Na Europa, esse modo de pensar encontrou sua expressão no materialismo mecanicista dos séculos 17 e 18 e, posteriormente, nos fins do século 19 e começos do 20, no evolucionismo vulgar. Na China, o pensamento metafísico, que se exprimia na afirmação “O céu é imutável, imutável é o *Tao*”,⁴ foi defendido durante muito tempo pela classe feudal, decadente, no poder. Quanto ao materialismo mecanicista e ao evolucionismo vulgar, importados da Europa nos últimos cem anos, encontraram os seus defensores na burguesia.

Contrariamente à concepção metafísica do mundo, a concepção materialista-dialética entende que, no estudo do desenvolvimento de um fenômeno, deve-se partir do seu conteúdo interno, das suas relações com os outros fenômenos, quer dizer, deve-se considerar o desenvolvimento dos fenômenos como sendo o seu movimento próprio, necessário, interno, encontrando-se aliás cada fenômeno no seu movimento, em ligação e interação com os fenômenos que o rodeiam. A causa fundamental dos fenômenos não é externa, mas interna; ela reside no contraditório do interior dos próprios fenômenos. No interior de todo fenômeno há contradições, daí o seu movimento e desenvolvimento. O contraditório no seio de cada fenômeno é a causa

⁴ Palavras de Tung Chung-shu (179-104 a.C.), célebre representante do confucionismo na dinastia dos Han, dirigidas ao imperador Wuti: “O grande *Tao* vem do próprio céu, o céu é imutável, é imutável o *Tao*”. *Tao*, expressão usual entre os filósofos da China antiga, significa “caminho” ou “razão”, e pode ser traduzido por “princípio” ou “lei”.

fundamental do respectivo desenvolvimento, enquanto que a ligação mútua e a ação recíproca entre os fenômenos não constituem mais do que causas secundárias. Assim, a dialética materialista combate energicamente a teoria da causa externa, da impulsão exterior, característica do materialismo mecanicista e do evolucionismo vulgar metafísicos. É evidente que as causas puramente externas somente são capazes de provocar o movimento mecânico dos fenômenos, isto é, modificações de volume, de quantidade, não podendo explicar porque os fenômenos são de uma diversidade qualitativa infinita, o motivo por que passam de uma qualidade a uma outra. Com efeito, mesmo o movimento mecânico, provocado por uma impulsão exterior, se realiza por intermédio das contradições internas dos fenômenos. No mundo vegetal e animal, o simples crescimento, o desenvolvimento quantitativo, é também provocado fundamentalmente pelas contradições internas. Do mesmo modo, o desenvolvimento da sociedade é devido, sobretudo, a causas internas, e não externas. Há muitos países que se encontram em condições geográficas e de clima quase idênticas e, no entanto, desenvolvem-se de maneira bem diferente, desigual. Num só e mesmo país produzem-se grandes modificações na sociedade sem que, no entanto, se tenha modificado o meio geográfico ou o clima. A Rússia imperialista transformou-se na União Soviética socialista e o Japão feudal, fechado ao mundo exterior, transformou-se no Japão imperialista, sem que a geografia e o clima desses países tivessem sofrido alteração. A China, durante muito tempo submetida ao regime feudal, registou grandes alterações no decurso dos últimos cem anos, e agora evolui em direção a uma China nova, emancipada e livre, sem que para isso se tivessem modificado a sua geografia e o seu clima. É certo que no conjunto do globo terrestre, e em cada uma das suas partes, se produzem modificações quanto à geografia e ao clima, mas, simplesmente, comparadas às modificações da sociedade, essas modificações são insignificantes. As primeiras exigem dezenas de milhares de anos para se manifestar, enquanto que para as segundas bastam apenas alguns milênios, alguns séculos, umas décadas ou

mesmo alguns anos, ou meses inclusive (em período de revolução). Segundo o ponto de vista da dialética materialista, as modificações na natureza se devem fundamentalmente ao desenvolvimento das contradições internas desta. Na sociedade, as mudanças se devem principalmente ao desenvolvimento das contradições que existem no seu seio, isto é, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, a contradição entre as classes e a contradição entre o novo e o velho; é o desenvolvimento dessas contradições que faz avançar a sociedade e determina a substituição da velha sociedade por uma nova. Mas será que a dialética materialista exclui as causas externas? De modo algum. Ela considera que as causas externas constituem a condição das modificações, que as causas internas são a base dessas modificações e que as causas externas operam por intermédio das causas internas. O ovo que recebe uma quantidade adequada de calor transforma-se em pinto, enquanto que o calor não pode transformar uma pedra em pinto, já que as respectivas bases são diferentes. Os diversos povos agem constantemente uns sobre os outros. Na época do capitalismo, sobretudo na época do imperialismo e das revoluções proletárias, a ação e os efeitos dos diferentes países, agindo uns sobre os outros nos domínios da política, da economia e da cultura, são enormes. A Revolução Socialista de Outubro abriu uma era nova não apenas na história da Rússia, mas também na história de todo o mundo; ela influiu nas modificações internas nos diferentes países, e também, com uma profundidade particular, nas modificações internas na China. Todavia, as modificações que dela resultaram se produziram por intermédio das leis internas próprias a esses países, ou próprias à China. De dois exércitos em luta, um vence e o outro é derrotado: isso é determinado por causas internas. A vitória é devida ou ao poderio do exército ou à justeza de vistas do seu comando; a derrota se deve ou à fraqueza do exército ou aos erros cometidos pelo seu comando. É por intermédio das causas internas que atuam as causas externas. Na China, se a grande burguesia venceu o proletariado em 1927, foi graças ao oportunismo que então se manifes-

tava no próprio seio do proletariado chinês (no interior do Partido Comunista da China). Assim que acabamos com esse oportunismo, a revolução chinesa tornou a expandir-se. Mais tarde, ela voltou a sofrer seriamente com os golpes que lhe desferiu o inimigo, desta vez em resultado das tendências aventureiras surgidas em nosso partido. Mas assim que liquidamos o espírito de aventura, nossa causa voltou a progredir. Daí se conclui que, para conduzir a revolução à vitória, um partido político deve se apoiar na justeza da sua linha política e na solidez da sua organização.

A concepção dialética do mundo, na China e na Europa, vem desde a Antiguidade. A dialética dos tempos antigos, porém, era algo de espontâneo, de primitivo; em virtude das condições sociais e históricas de então, ela não podia ainda constituir um sistema teórico completo, era incapaz de explicar o mundo em todos os seus aspectos, sendo posteriormente substituída pela metafísica. O célebre filósofo alemão Hegel, que viveu nos fins do século 18 e começos do 19, prestou uma importante contribuição à dialética, mas sua dialética era idealista. Só depois que Marx e Engels, os grandes protagonistas do movimento proletário, generalizaram os resultados positivos obtidos pela humanidade na história do conhecimento humano, e depois que, em particular, retomaram com espírito crítico os elementos racionais da dialética de Hegel e criaram a grande teoria do materialismo dialético e histórico, é que se produziu uma revolução sem precedentes na história do conhecimento humano. Essa grande teoria foi desenvolvida mais tarde por Lenin e Stalin. Ela provocou imensas modificações no mundo do pensamento chinês assim que penetrou na China.

A concepção dialética do mundo nos ensina sobretudo a observar e a analisar o movimento das contradições nos diferentes fenômenos, bem como a determinar, a partir dessa análise, os métodos próprios para resolver tais contradições. Eis porque a compreensão concreta da lei da contradição inerente aos fenômenos é de uma importância extrema para nós.

II. A universalidade da contradição

Por comodidade de exposição, deter-me-ei primeiramente na universalidade da contradição e, depois, na sua particularidade. Com efeito, a partir da descoberta da concepção materialista-dialética do mundo, realizada pelos grandes fundadores e continuadores do marxismo, Marx, Engels, Lenin e Stalin, a dialética materialista foi aplicada com máximo êxito à análise de numerosos aspectos da história humana e da história natural, assim como à transformação de numerosos aspectos da sociedade e da natureza (por exemplo, na URSS); a universalidade da contradição está, pois, largamente reconhecida, bastando portanto umas quantas palavras para explicar bem a questão. Quanto à questão da particularidade da contradição, muitos camaradas, em especial os dogmáticos, ainda não veem claro. Eles não compreendem que, nas contradições, o universal existe no particular. Igualmente não compreendem como é importante, para dirigirmos o curso da nossa prática revolucionária, o estudo do particular nas contradições inerentes aos fenômenos concretos face aos quais nos encontramos. Nós devemos, pois, estudar com atenção especial a particularidade da contradição, reservando espaço suficiente ao seu exame. Essa é a razão por que, na nossa análise da lei da contradição inerente aos fenômenos, começaremos por examinar o problema da universalidade da contradição, depois veremos mais especialmente a sua particularidade, para voltar finalmente ao problema da universalidade.

A universalidade, ou caráter absoluto da contradição, tem um duplo significado: primeiro, que as contradições existem no processo de desenvolvimento de todos os fenômenos; segundo, que, no processo de desenvolvimento de cada fenômeno, o movimento contraditório existe do princípio até ao fim.

Engels dizia: “O próprio movimento é uma contradição”.⁵ A definição, dada por Lenin, da lei da unidade dos contrários diz que esta “reconhece (descobre) tendências contraditórias, opostas e mutua-

⁵ F. Engels: “Dialética. Quantidade e qualidade”, *Anti-Dühring*, parte 1, seção 12.

mente excedentes, em todos os fenômenos e processos da natureza (incluídos o espírito e a sociedade)".⁶ Acaso são justas tais afirmações? Sim, são justas. Em todos os fenômenos, a interdependência e a luta dos aspectos contrários que lhes são próprios determinam a sua vida e animam o seu desenvolvimento. Não há fenômeno que não contenha contradição. Sem contradições o mundo não existiria.

A contradição é a base das formas simples do movimento (por exemplo, o movimento mecânico) e, por maior razão ainda, das formas complexas do movimento.

Engels explicou assim a universalidade da contradição:

Se a simples mudança mecânica de lugar contém já em si mesma uma contradição, com maior razão ainda hão de contê-la as formas superiores de movimento da matéria e, muito particularmente, a vida orgânica e o seu desenvolvimento... a vida, antes de tudo, consiste justamente no fato de um ser, em cada instante, ser o mesmo e, não obstante, um outro também. Assim, a vida é igualmente uma contradição que, existindo nas próprias coisas e processos, surge e se resolve constantemente. E desde que a contradição cessa a vida cessa, a morte intervém. Do mesmo modo, nós vimos que, no domínio do pensamento, não podemos igualmente escapar às contradições e que, por exemplo, a contradição entre a faculdade humana de conhecer, interiormente infinita, e a sua existência real nos homens, que são todos limitados externamente e no pensamento, se resolve na série de gerações humanas, série que, para nós, pelo menos praticamente, não tem fim no movimento do progresso sem fim".

"...um dos fundamentos principais das matemáticas superiores é a contradição..."

"E as próprias matemáticas inferiores também já estão cheias de contradições".⁷

Por seu turno, Lenin ilustrava a universalidade da contradição com os exemplos seguintes:

⁶ V. I. Lenin: "*Sobre a questão da dialética*".

⁷ F. Engels: "Dialética. Quantidade e qualidade", *Anti-Dühring*, parte 1, seção 12.

“Na matemática, + e -. Diferencial e integral.

Na mecânica, ação e reação.

Na física, eletricidade positiva e negativa.

Na química, combinação e dissociação dos átomos.

Nas ciências sociais, as lutas de classes”.⁸

Na guerra, a ofensiva e a defensiva, o avanço e a retirada, a vitória e a derrota, são outros tantos pares de contrários em que um não pode existir sem o outro. Os dois aspectos, que estão simultaneamente em luta e em interdependência, o que constitui o todo que é a guerra, dão impulso ao desenvolvimento desta e resolve os respectivos problemas.

Há que considerar toda a diferença nos nossos conceitos como um reflexo de contradições objetivas. A reflexão das contradições objetivas no pensamento subjetivo forma o movimento contraditório dos conceitos, o qual estimula o desenvolvimento das ideias, resolve continuamente os problemas que se põem ao pensamento humano.

Oposição e luta entre concepções diferentes surgem constantemente no seio do partido; é o reflexo, no partido, das contradições de classes e das contradições entre o novo e o velho existentes na sociedade. Se no partido não houvesse contradições e lutas ideológicas para resolver as contradições, a vida do partido cessaria.

Em toda parte, em todo processo há, pois, contradições, tanto nas formas simples do movimento quanto nas formas complexas, tanto nos fenômenos objetivos quanto nos fenômenos do pensamento: esse ponto está agora esclarecido. Mas será que a contradição existe igualmente na etapa inicial de cada processo? O processo de desenvolvimento de cada fenômeno, acaso apresentará ele um movimento contraditório do começo ao fim?

Segundo os artigos em que os filósofos soviéticos a submetem a críticas, a escola de Deborin considera que a contradição não aparece logo desde o início do processo, mas apenas numa certa etapa do seu

⁸ V. I. Lenin: “*Sobre a questão da dialética*”.

desenvolvimento. Daí se segue que, até esse momento, o desenvolvimento do processo se produz não sob ação de causas internas, mas sim sob a ação de causas externas. Deborin regressa assim às teorias da causa externa e mecanicista próprias da metafísica. Aplicando essa maneira de ver à análise dos problemas concretos, a escola de Deborin chega à conclusão de que, nas condições da União Soviética, existem apenas diferenças e não contradições entre os camponeses ricos e os camponeses em geral, e aprova inteiramente Bukharin. Analisando a Revolução Francesa, tal escola sustenta que, antes da revolução, no seio do Terceiro Estado, composto de operários, camponeses e burguesia, igualmente existiam apenas diferenças e não contradições. Esses pontos de vista da escola de Deborin são antimarxistas. Essa escola não compreende que em toda diferença já há uma contradição, e que a própria diferença é uma contradição. A contradição entre o trabalho e o capital existe desde o nascimento da burguesia e do proletariado, mas no início não era uma contradição aguda. Entre os operários e os camponeses, mesmo nas condições sociais da União Soviética, existe uma diferença; essa diferença é uma contradição que, no entanto, contrariamente à contradição entre o trabalho e o capital, não pode se acentuar até se converter num antagonismo ou assumir a forma de uma luta de classes; os operários e os camponeses selaram uma sólida aliança durante a edificação do socialismo, e resolvem progressivamente a contradição em causa no processo de desenvolvimento que vai do socialismo ao comunismo. Trata-se aí de diferentes espécies de contradições, mas não da presença ou ausência de contradições. A contradição é universal, absoluta; existe em todos os processos de desenvolvimento dos fenômenos, penetrando cada processo desde o começo até ao fim.

Que significa a aparição de um novo processo? Significa que a antiga unidade e os contrários que a constituíam cederam o lugar a uma nova unidade, aos seus novos contrários, começando então o novo processo, que substituiu o antigo. O processo velho termina e o novo surge. E como o novo processo contém novas

contradições, ele começa a sua própria história de desenvolvimento das contradições.

Lenin sublinha que Marx, em *O capital*, deu um modelo de análise do movimento contraditório que atravessa todo processo de desenvolvimento de um fenômeno, do começo até ao fim. Esse é o método a seguir sempre que se estuda o processo de desenvolvimento de qualquer fenômeno. E o próprio Lenin também utilizou rigorosamente esse método, o qual impregna todos os seus escritos.

“Marx, em *O capital*, analisa primeiramente a relação mais simples, mais habitual, mais fundamental, mais frequente e mais ordinária, o que se encontra milhares de vezes na sociedade burguesa (de mercado): a troca de mercadorias. A sua análise faz ressaltar nesse fenômeno elementar (nessa ‘célula’ da sociedade burguesa) todas as contradições (ou embriões de todas as contradições) da sociedade moderna. O seguimento da exposição nos mostra o desenvolvimento (crescimento e movimento) dessas contradições e dessa sociedade na Σ [soma] das suas partes individuais, desde o começo ao fim.”

Acrescenta Lenin: “Tal deve ser também o método de exposição (de estudo) da dialética em geral...”⁹

Os comunistas chineses devem assimilar esse método, pois só assim poderão analisar corretamente a história e a situação atual da revolução chinesa, e deduzir suas perspectivas.

III. A particularidade da contradição

As contradições existem no processo de desenvolvimento de todos os fenômenos, e penetram o processo de desenvolvimento de cada fenômeno, do começo ao fim. Nisso está a universalidade ou caráter absoluto da contradição, de que falamos anteriormente. Tratemos agora da particularidade ou relatividade das contradições.

Convém estudar essa questão em vários planos.

Em primeiro lugar, as contradições das diferentes formas de movimento da matéria assumem todas um caráter específico. O conhe-

⁹ V. I. Lenin: “*Sobre a questão da dialética*”.

cimento da matéria pelo homem é o conhecimento das suas formas de movimento, uma vez que, no mundo, não há mais do que matéria em movimento, e o movimento da matéria assume sempre formas determinadas. Ao nos debruçarmos sobre cada forma de movimento da matéria, devemos dirigir nossa atenção para aquilo que ela tem de comum com as demais formas de movimento. E, o que é mais importante ainda, o que serve de base ao nosso conhecimento dos fenômenos é notar aquilo que essa forma de movimento tem propriamente de específico, isto é, aquilo que a diferencia qualitativamente das outras formas de movimento. Só desse modo se pode distinguir um fenômeno de outro fenômeno. Toda forma de movimento contém em si suas próprias contradições específicas, as quais constituem aquela essência específica que diferencia um fenômeno dos outros. É essa a causa interna, a base, da diversidade infinita dos fenômenos no mundo. Existe na natureza uma imensidade de formas de movimento: o movimento mecânico, o som, a luz, o calor, a eletricidade, a dissociação, a combinação etc. Todas essas formas de movimento da matéria estão em interdependência, mas se distinguem umas das outras na essência. A essência específica de cada forma de movimento é determinada pelas suas próprias contradições específicas. Isso é assim não apenas para a natureza, mas também para os fenômenos da sociedade e do pensamento. Cada forma social, cada forma de pensamento, contém as suas contradições específicas e possui a sua essência específica.

A delimitação das diferentes ciências se fundamenta justamente nas contradições específicas contidas no objeto de estudo de cada uma. Assim, as contradições próprias à esfera de um fenômeno dado constituem o objeto de estudo de um ramo determinado da ciência. Por exemplo, + e - em matemática; ação e reação em mecânica; eletricidade positiva e negativa em física; combinação e dissociação em química; forças produtivas e relações de produção, classes e lutas de classes nas ciências sociais; ataque e defesa na ciência militar; idealismo e materialismo, metafísica e dialética em filosofia — tudo

isso constitui objeto de estudo de diferentes ramos da ciência, em virtude precisamente da existência de contradições específicas e de uma essência específica em cada ramo. É claro que, sem um conhecimento do que há de universal nas contradições, é impossível descobrir as causas gerais ou as bases gerais do movimento, do desenvolvimento dos fenômenos. Mas se não se estuda o que há de particular nas contradições, é impossível determinar essa essência específica que distingue um fenômeno dos outros, impossível descobrir as causas específicas ou as bases específicas do movimento, do desenvolvimento dos fenômenos e, em consequência, é impossível distinguir os fenômenos e delimitar os domínios da investigação científica.

Se se toma em consideração a ordem seguida pelo movimento do conhecimento humano, vê-se que este parte sempre do conhecimento do individual, do particular, para se ampliar gradualmente até atingir o conhecimento do geral. Os homens começam sempre por conhecer primeiramente a essência específica de uma imensidade de fenômenos diferentes, antes de poder passar à generalização e conhecer a essência comum dos fenômenos. Uma vez atingido esse conhecimento, isso lhes serve de guia para avançar no estudo dos diferentes fenômenos concretos que não tenham ainda sido estudados ou que o tenham sido insuficientemente, de maneira a se encontrar sua essência específica; só assim eles podem completar, enriquecer e desenvolver o seu conhecimento sobre a essência comum dos fenômenos e evitar que tal conhecimento defina ou se petrifique. Essas são as duas etapas do processo do conhecimento: a primeira vai do particular ao geral e a segunda, do geral ao particular. O desenvolvimento do conhecimento humano representa sempre um movimento em espiral e (se se observa rigorosamente o método científico) cada ciclo pode elevar o conhecimento a um grau superior e incessantemente mais profundo. O erro de nossos dogmáticos a esse respeito consiste no seguinte: por um lado, não compreendem que só depois de se ter estudado o que há de específico na contradição e se ter tomado conhecimento da essência específica dos fenômenos individualizados, se pode atingir

o pleno conhecimento da universalidade da contradição e da essência comum destes; por outro lado, não compreendem que, depois de se ter tomado conhecimento da essência comum dos fenômenos, há que ir mais adiante e estudar os fenômenos concretos que não foram profundamente estudados ou que aparecem pela primeira vez. Os nossos dogmáticos são preguiçosos; recusam-se a qualquer esforço no estudo dos fenômenos concretos, consideram as verdades gerais como algo que cai do céu, fazem delas fórmulas puramente abstratas, inacessíveis ao entendimento humano, negam totalmente e invertem a ordem normal que os homens seguem para atingir o conhecimento da verdade. Tampouco compreendem eles a ligação recíproca entre as duas etapas do processo do conhecimento humano: do particular ao geral e do geral ao particular; não entendem coisa alguma sobre a teoria marxista do conhecimento.

É preciso estudar não somente as contradições específicas de cada um dos grandes sistemas de formas de movimento da matéria e a essência determinada por essas contradições, mas também as contradições específicas e a essência de cada uma dessas formas de movimento da matéria em cada etapa do longo caminho que segue o desenvolvimento destas. Toda forma de movimento, em cada processo de desenvolvimento que seja real e não imaginário, é qualitativamente diferente. Convém dispensar a isso uma atenção particular em nosso estudo, havendo até que começar por aí.

Contradições qualitativamente distintas só podem ser resolvidas por métodos qualitativamente distintos. Por exemplo, a contradição entre o proletariado e a burguesia resolve-se pelo método da revolução socialista; a contradição entre as grandes massas populares e o sistema feudal resolve-se pelo método da revolução democrática; a contradição entre as colônias e o imperialismo resolve-se pelo método da guerra revolucionária nacional; a contradição entre a classe operária e a classe camponesa na sociedade socialista resolve-se pelo método da coletivização e mecanização da agricultura; as contradições no seio do Partido Comunista resolvem-se pelo método da crítica e autocrítica; a

contradição entre a sociedade e a natureza resolve-se pelo método do desenvolvimento das forças produtivas. Os processos mudam, os antigos processos e as antigas contradições desaparecem, surgem novos processos e novas contradições, sendo, por consequência, igualmente diferentes os respectivos métodos de resolução. As contradições resolvidas pela Revolução de Fevereiro e as contradições resolvidas pela Revolução de Outubro na Rússia, bem como os métodos usados para resolvê-las, foram radicalmente diferentes. O princípio de usar métodos distintos para resolver contradições distintas é um princípio que os marxistas-leninistas devem observar rigorosamente. Os dogmáticos não observam esse princípio; eles não compreendem que as condições em que se desenrolam as distintas revoluções não são idênticas, assim como não compreendem que contradições diferentes devem se resolver por métodos diferentes. Invariavelmente, adotam aquilo que julgam ser uma fórmula imutável e a aplicam mecanicamente a todos os casos, o que não pode senão causar reveses à revolução ou comprometer o que poderia ser um êxito.

Para fazer ressaltar a particularidade das contradições consideradas no seu conjunto ou na sua ligação mútua ao longo do processo de desenvolvimento de um fenômeno, quer dizer, para fazer sobressair a essência do processo, é necessário fazer ressaltar o caráter específico dos dois aspectos de cada uma das contradições desse processo; de outro modo é impossível fazer sobressair a essência do processo. Isso também exige a maior atenção em nosso estudo.

No processo de desenvolvimento de um fenômeno importante, há toda uma série de contradições. Por exemplo, no processo da revolução democrático-burguesa na China, existe destacadamente uma contradição entre as classes oprimidas da sociedade chinesa e o imperialismo; uma contradição entre as massas populares e o regime feudal; uma contradição entre o proletariado e a burguesia; uma contradição entre os camponeses e a pequena burguesia urbana por um lado, e a burguesia por outro lado; contradições entre as diversas camarilhas reacionárias dominantes. A situação é, pois, extrema-

mente complexa. Todas essas contradições não podem ser tratadas da mesma maneira, já que cada uma tem o seu caráter específico; e, por sua vez, os dois aspectos de cada contradição apresentam particularidades próprias a cada um deles, não sendo possível encará-los de um mesmo modo. Nós, que trabalhamos pela causa da revolução chinesa, devemos não somente compreender o caráter específico de cada uma dessas contradições, considerada no seu conjunto, isto é, na sua ligação mútua, mas ainda estudar os dois aspectos de cada contradição, único meio para chegarmos a compreender o conjunto. Compreender cada aspecto da contradição é compreender a posição particular que cada um deles ocupa, as formas concretas em que estabelece relações de interdependência e relações de contradição com o seu contrário, os métodos concretos que utiliza na sua luta com o outro quando os dois se encontram ao mesmo tempo em interdependência e em contradição, bem como após a ruptura da sua interdependência. O estudo dessas questões é de grande importância. É o que Lenin tinha em vista quando dizia que a substância, a alma viva do marxismo, era a análise concreta de uma situação concreta.¹⁰ Contrariamente aos ensinamentos de Lenin, nossos dogmáticos nunca usam a cabeça para analisar os fenômenos de maneira concreta; seus artigos e seus discursos não fazem mais do que repisar de maneira vã, vazia, esquemas estereotipados, fazendo nascer no partido um estilo de trabalho dos mais nefastos.

No estudo de uma questão é preciso nos preocuparmos em não sermos subjetivos, de fazer exames unilaterais, de ser superficial. Ser subjetivo é não saber encarar uma questão objetivamente, quer dizer, de um ponto de vista materialista. Já falei disso em “Sobre a prática”. O exame unilateral consiste em não saber encarar as questões sob todos os seus aspectos. É o que acontece, por exemplo, quando se considera apenas a China e não o Japão, apenas o Partido Comunista e

¹⁰ Ver V. I. Lenin: “*O comunismo*” (12 de junho de 1920). Criticando o dirigente comunista húngaro Bela Kun, Lenin dizia: “Ele descurava aquilo que é o mais essencial, a alma viva do marxismo, a análise concreta de uma situação concreta”.

não o Kuomintang, apenas o proletariado e não a burguesia, apenas os camponeses e não os senhores de terras, apenas as situações favoráveis e não as situações difíceis, apenas o passado e não o futuro, apenas a parte e não o conjunto, apenas as falhas e não os êxitos, apenas o que acusa e não o que se defende, apenas o trabalho revolucionário na clandestinidade e não o trabalho revolucionário legal etc., numa palavra, sempre que não se veem os traços característicos dos dois aspectos de uma contradição. É a isso que se chama encarar as questões de maneira unilateral, ou pode ainda se dizer que é ver a parte e não o todo, ver a árvore e não a floresta. Se se procede assim, é impossível encontrar o método para resolver as contradições, cumprir as tarefas da revolução, levar a bom termo o trabalho que se faz e desenvolver corretamente a luta ideológica no seio do partido. Quando Sun Tsi, ao tratar da arte militar, dizia: “Conhece o teu adversário e conhece-te a ti próprio que poderás, sem riscos, travar um cento de batalhas”,¹¹ ele se referia às duas partes beligerantes. Na dinastia Tang, Wei Cheng¹² também via o erro de um exame unilateral, quando dizia: “Quem escutar as duas partes ficará com o espírito esclarecido, quem não escutar mais que uma permanecerá nas trevas”. Não obstante, nossos camaradas veem frequentemente os problemas de maneira unilateral, razão por que lhes acontece darem muitas vezes com a cabeça na parede. Na novela *Chuei Hu Tchuan*, conta-se que Sung Chiang atacou por três vezes a aldeia de Chu,¹³ fracassando duas vezes por não ter considerado as condições locais, e ainda por ter aplicado um método de ação incorreto. Posteriormente, ele mudou de método e procurou se informar sobre a situação. Desde então ficou conhecendo

¹¹ Ver “Plano de ataque”, Sun Tsi, capítulo III.

¹² Wei Cheng (580-643), homem político e historiador do começo da dinastia Tang. O trecho foi extraído do *Tse Tchi Tom Quien*, Tomo 192.

¹³ Chuei Hu Tchuan (*À borda d’água*), novela que descreve uma guerra camponesa dos últimos anos da dinastia dos Sung do Norte. Sung Chiang é o seu personagem principal. A aldeia de Chu não se encontrava longe de Liangshampo, base dessa guerra camponesa. O governador dessa aldeia era um déspota, grande senhor de terras, chamado Chu Chao-feng.

todos os segredos do labirinto, quebrou a aliança das três aldeias, Li, Hu e Chu, enviou alguns homens para que se escondessem no campo inimigo e preparassem aí uma emboscada, no esquema de um estratagema semelhante ao do cavalo de Tróia de que fala uma lenda estrangeira, sendo o seu terceiro ataque coroado de sucesso. Na novela contém muitos exemplos de aplicação da dialética materialista, dos quais um dos melhores é precisamente o episódio dos três ataques a Chu. Lenin dizia:

Para conhecer realmente um objeto, é necessário abarcar e estudar todos os seus aspectos, todas as suas ligações e “mediações”. Nós nunca o conseguiremos de maneira integral, mas a necessidade de considerar todos os aspectos prevenirá dos erros e da rigidez”.¹⁴

Devemos nos lembrar das suas palavras. Ser superficial é não levar em conta as características da contradição no seu conjunto, nem as características de cada um dos seus aspectos, negar a necessidade de ir ao fundo dos fenômenos e estudar minuciosamente as características das respectivas contradições, contentar-se em ver de longe e, após uma observação aproximativa de alguns traços superficiais dessas contradições, tentar imediatamente resolvê-las (responder a uma pergunta, decidir sobre uma disputa, solucionar um problema, dirigir uma operação militar). Essa maneira de agir leva sempre a consequências funestas. A razão de nossos camaradas caírem no erro do dogmatismo e empirismo é o fato de encararem os fenômenos de uma maneira subjetiva, unilateral e superficial. Encarar os fenômenos de modo unilateral e superficial é ainda subjetivismo, pois, no seu ser objetivo, os fenômenos estão de fato ligados uns aos outros e possuem leis internas; no entanto, há pessoas que, em vez de refletirem os fenômenos tal como são, consideram-nos de modo unilateral ou superficial, desconhecendo-lhes a ligação mútua e as leis internas. Um tal método é, pois, subjetivo.

¹⁴ V. I. Lenin: “Uma vez mais sobre os sindicatos, a situação atual e os erros de Trotsky e Bukharin”.

Devemos ter em vista não apenas as particularidades do movimento dos aspectos contraditórios considerados na sua ligação mútua e nas condições de cada um deles no decorrer do processo geral de desenvolvimento de um fenômeno, mas também as particularidades próprias a cada etapa do processo de desenvolvimento.

Nem a contradição fundamental, no processo de desenvolvimento de um fenômeno, nem a essência desse processo, determinada por essa contradição, desaparecem antes da conclusão do processo. Contudo, as condições diferem geralmente umas das outras, em cada etapa do longo processo de desenvolvimento de um fenômeno. Eis a razão: se bem que a natureza da contradição fundamental no processo de desenvolvimento de um fenômeno, bem como a essência do processo, permaneçam sem modificação, a contradição fundamental se aguça progressivamente em cada etapa desse longo processo. Por outro lado, entre tantas contradições, grandes e pequenas, que são determinadas pela contradição fundamental ou se encontram sob sua influência, algumas se aguçam, outras se resolvem ou se atenuam temporária ou parcialmente, enquanto que outras vão nascendo. Eis a razão por que há diferentes etapas no processo. Não é possível resolver corretamente as contradições inerentes a um fenômeno se não se presta atenção às etapas do processo do seu desenvolvimento.

Por exemplo, quando o capitalismo da época da livre concorrência se transformou em imperialismo, nem a natureza de classe das duas classes radicalmente contrárias – o proletariado e a burguesia – nem a essência capitalista dessa sociedade sofreram qualquer mudança; contudo, a contradição entre essas duas classes aguçou-se, a contradição entre o capital monopolista e o capital liberal surgiu, a contradição entre as potências colonialistas e as colônias tornou-se mais aguda, a contradição entre os países capitalistas, contradição provocada pelo desenvolvimento desigual desses países, manifestou-se com uma acuidade particular; desde então, começou uma fase particular do capitalismo – a fase do imperialismo. O leninismo é o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária, precisamente por-

que Lenin e Stalin deram uma explicação justa dessas contradições e formularam corretamente a teoria e a tática da revolução proletária chamadas a resolvê-las.

Se se considera o processo da revolução democrático-burguesa na China, que começou com a Revolução de 1911, igualmente se distinguem aí várias etapas específicas. Em particular, o período da revolução em que a direção era burguesa e o período em que a direção foi assumida pelo proletariado representam duas etapas históricas cuja diferença é considerável. Em outras palavras, a direção exercida pelo proletariado mudou radicalmente a fisionomia da revolução, conduziu a um reajustamento das relações entre as classes, implicou um grande desenvolvimento da revolução camponesa, imprimiu à revolução dirigida contra o imperialismo e o feudalismo um caráter radical, criou a possibilidade de passagem da revolução democrática à revolução socialista etc. Tudo isso era impossível na época em que a direção da revolução era burguesa. Se bem que a natureza da contradição fundamental do processo tomado no seu conjunto, quer dizer, o caráter de revolução democrática anti-imperialista e antifeudal do processo (o outro aspecto da contradição era o caráter semifeudal e semicolonial do país) não tivesse sofrido qualquer mudança, no decurso desse longo período produziram-se acontecimentos muito importantes como a derrota da Revolução de 1911 e o estabelecimento da dominação dos caudilhos militares do Norte, a criação da primeira Frente Única Nacional e a Revolução de 1924-1927, a ruptura da Frente Única e a passagem da burguesia para o campo da contra-revolução, as guerras entre os novos caudilhos militares, a Guerra Revolucionária Agrária, a criação da segunda Frente Única Nacional e a Guerra de Resistência contra o Japão — outras tantas etapas de desenvolvimento no espaço de vinte e poucos anos. Essas etapas são caracterizadas nomeadamente pelo fato de certas contradições se terem agudizado (por exemplo, a Guerra Revolucionária Agrária e a invasão das quatro províncias do Nordeste pelo Japão), pelo fato de outras se terem parcial ou provisoriamente resolvido (por

exemplo, a liquidação dos caudilhos militares do Norte, o confisco, a que procedemos, das terras dos senhores de terras) e ainda pelo fato de outras terem surgido de novo (por exemplo, a luta entre os novos caudilhos militares, a recuperação das terras pelos senhores de terras após a perda das nossas bases de apoio revolucionárias, no Sul) etc.

Quando se estuda a particularidade das contradições em cada etapa do processo de desenvolvimento de um fenômeno, é preciso não só considerar essas contradições na sua ligação mútua ou no seu conjunto, mas também encarar os dois aspectos de cada contradição.

Por exemplo, o Kuomintang e o Partido Comunista. Tomemos um dos aspectos dessa contradição: o Kuomintang. Como, no período da primeira Frente Única, seguiu as três grandes políticas de Sun Yat-sen (aliança com a Rússia, aliança com o Partido Comunista e ajuda aos operários e camponeses), o Kuomintang conservou o seu caráter revolucionário e o seu vigor, representando a aliança das diferentes classes na revolução democrática. Após 1927, porém, transformou-se no seu contrário, tornando-se um bloco reacionário dos senhores de terras e da grande burguesia. Depois do incidente de Sian, em dezembro de 1936, uma nova mudança começou a se produzir no seu seio, orientada no sentido da cessação da guerra civil e aliança com o Partido Comunista, com vistas a uma luta em comum contra o imperialismo japonês. Tais são as particularidades do Kuomintang nessas três etapas. Claro que elas resultaram de causas múltiplas. Vejamos agora o outro aspecto: o Partido Comunista da China. No período da primeira Frente Única, o Partido estava ainda na infância. Ele dirigiu corajosamente a Revolução de 1924-1927, mas demonstrou a sua falta de maturidade no modo como compreendeu o caráter, as tarefas e os métodos da revolução, razão por que o chentusiuísmo, surgido no último período dessa revolução, teve a possibilidade de exercer a sua ação e conduzir a revolução à derrota. A partir de 1927, o Partido Comunista passou a dirigir corajosamente a Guerra Revolucionária Agrária, criou um exército revolucionário e bases de apoio revolucionárias, mas cometeu erros de caráter aventureiro, em consequência do que o exército e as

bases sofreram pesadas perdas. Depois de 1935, o Partido corrigiu esses erros e dirigiu a nova Frente Única de resistência ao Japão, uma grande luta que está em vias de desenvolvimento. Na etapa atual, o Partido Comunista é um partido que já sofreu a prova de duas revoluções e possui uma experiência rica. Tais são as particularidades do Partido Comunista da China nas três etapas. Isso também se deveu a várias causas. Se tais particularidades não são estudadas, ficamos impossibilitados de compreender as relações específicas entre o Kuomintang e o Partido Comunista nas diversas etapas do seu desenvolvimento: criação de uma Frente Única, ruptura dessa frente, criação de nova Frente Única. Para estudar as diversas particularidades dos dois partidos, porém, torna-se indispensável estudar a base de classe desses mesmos partidos e as contradições que daí resultam, nos diferentes períodos, entre cada um deles e as demais forças. Por exemplo, no período da primeira aliança com o Partido Comunista, o Kuomintang encontrava-se em contradição com os imperialistas estrangeiros, o que o levava a se opor ao imperialismo; por outro lado, ele se encontrava em contradição com as massas populares no interior do país — muito embora fizesse de boca toda espécie de promessas maravilhosas aos trabalhadores, na prática dava-lhes muito pouco, ou mesmo nada lhes dava. Durante a sua guerra anticomunista, o Kuomintang colaborou com o imperialismo e o feudalismo para se opor às massas populares, e suprimiu de uma penada todas as vantagens que estas haviam conquistado na revolução, tornando assim mais agudas as suas contradições com tais massas. No período atual de resistência ao Japão, em virtude das contradições com o imperialismo japonês, ele tem necessidade de se aliar ao Partido Comunista, sem contudo pôr um freio à luta contra este e contra o povo, nem à opressão que exerce sobre ambos. Quanto ao Partido Comunista, ele esteve sempre, em qualquer dos períodos, ao lado das massas populares, para lutar contra o imperialismo e o feudalismo; todavia, no atual período de resistência ao Japão, adotou uma política moderada com relação ao Kuomintang e às forças feudais do país, na medida em que o Kuomintang se pronunciou pela resistência.

Essas circunstâncias deram lugar tanto a uma aliança quanto a uma luta entre os dois partidos, estando estes, aliás, mesmo em período de aliança, numa situação complexa de aliança e luta simultâneas. Se não estudarmos as particularidades desses aspectos contrários, não poderemos compreender nem as relações respectivas dos dois partidos com as demais forças, nem as relações entre os dois partidos.

Daí se segue que, quando estudamos a particularidade da contradição em qualquer plano — a contradição própria a cada forma de movimento da matéria, a contradição própria a cada forma de movimento em cada um dos seus processos de desenvolvimento, os dois aspectos da contradição em cada processo de desenvolvimento, a contradição em cada etapa de um processo de desenvolvimento, e os dois aspectos da contradição em cada uma dessas etapas — numa palavra, sempre que estudamos o caráter específico de todas essas contradições, nunca devemos nos mostrar subjetivos, arbitrários, mas sim fazer sobre tudo isso uma análise concreta. Sem análise concreta, torna-se impossível a particularidade da contradição em nenhum plano. Devemos nos lembrar sempre das palavras de Lenin: análise concreta de uma situação concreta.

Marx e Engels foram os primeiros a nos dar magníficos exemplos desse gênero de análise concreta.

Quando Marx e Engels aplicaram a lei da contradição inerente aos fenômenos ao estudo do processo da história da sociedade, descobriram a contradição existente entre as forças produtivas e as relações de produção, a contradição entre a classe dos exploradores e a classe dos explorados, assim como a contradição, daí resultante, entre a base econômica e a superestrutura (política, ideologia etc.); e descobriram como essas contradições engendraram, inevitavelmente, diferentes espécies de revoluções sociais nas diferentes espécies de sociedades de classes.

Quando Marx aplicou essa lei ao estudo da estrutura econômica da sociedade capitalista, descobriu que a contradição fundamental dessa sociedade era a contradição entre o caráter social da produção

e o caráter privado da propriedade. Tal contradição se manifesta pela contradição entre o caráter organizado da produção nas empresas isoladas e o caráter não organizado da produção na escala da sociedade inteira. E, nas relações de classes, manifesta-se na contradição entre a burguesia e o proletariado.

Como os fenômenos são de uma diversidade prodigiosa, e como não existe qualquer limite para seu desenvolvimento, o que é universal em determinado contexto pode passar a particular em outro contexto; e, inversamente, o que é particular num contexto pode passar a ser universal em outro contexto. A contradição, no regime capitalista, entre o caráter social da produção e a propriedade privada dos meios de produção é comum a todos os países onde existe e se desenvolve o capitalismo. Para o capitalismo, isso constitui a universalidade da contradição. Todavia, essa contradição do capitalismo apenas pertence a uma etapa histórica determinada do desenvolvimento da sociedade de classes em geral, e, do ponto de vista da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção na sociedade de classes em geral, isso constitui o caráter específico da contradição. Ao dissecar o caráter específico de todas as contradições da sociedade capitalista, Marx elucidou de uma maneira ainda mais aprofundada, mais ampla, mais completa, a universalidade da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção na sociedade de classes em geral.

A unidade do particular e do universal, a presença, em cada fenômeno, tanto daquilo que a contradição tem de universal quanto daquilo que ela tem de particular, o universal existindo no particular, nos obriga, ao estudarmos um fenômeno determinado, a descobrir o particular e o universal assim como sua ligação mútua, a descobrir o particular e o universal no próprio interior do fenômeno, assim como sua ligação mútua, a descobrir a ligação que mantém com os muitos outros fenômenos exteriores a ele. Ao explicar as raízes históricas do leninismo, Stalin, na sua célebre obra *Fundamentos do leninismo*, analisa a situação internacional que deu origem ao leninismo, analisa as contradições do capitalismo que atingiram um ponto extremo nas

condições do imperialismo, mostra como essas contradições fizeram da revolução proletária uma questão de prática imediata e criaram as condições favoráveis a um assalto direto contra o capitalismo. Além disso, ele analisa as razões por que a Rússia se tornou o berço do leninismo, explicando como a Rússia tsarista constituía então o ponto crucial de todas as contradições do imperialismo, e a razão por que foi justamente o proletariado russo aquele que pode se transformar na vanguarda do proletariado revolucionário internacional. Assim, Stalin analisou a universalidade da contradição própria ao imperialismo, mostrando que o leninismo era o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária, mas também analisou o caráter específico do imperialismo da Rússia tsarista nessa contradição geral, mostrando como a Rússia se transformara na pátria da teoria e da tática da revolução proletária e como esse caráter específico continha em si a universalidade da contradição. A análise de Stalin constitui para nós um modelo de conhecimento da particularidade e da universalidade da contradição, bem como da sua ligação mútua.

Tratando da questão do emprego da dialética no estudo dos fenômenos objetivos, Marx e Engels, e igualmente Lenin e Stalin, indicaram sempre que era necessário se precaver de todo subjetivismo, de tudo que fosse arbitrário, que era preciso partir das condições concretas do movimento real objetivo para descobrir nesses fenômenos as contradições concretas, a situação concreta de cada aspecto da contradição e a relação mútua, concreta das contradições. Como não observam essa atitude no estudo, nossos dogmáticos nunca têm uma ideia justa a respeito dos fenômenos. Nós devemos extrair uma lição dos seus fracassos e adotar essa atitude, a única atitude correta no estudo.

A relação entre a universalidade e a particularidade da contradição é a relação entre o geral e o particular. O geral reside no fato de as contradições existirem em todos os processos e penetrarem todos os processos, desde o princípio até o fim; movimento, coisa, processo, pensamento tudo é contradição. Negar a contradição nos fenômenos é

negar tudo. Eis aí uma verdade universal, válida para todos os tempos e para todos os países, sem exceção. É por isso que a contradição é geral, absoluta. Todavia, esse geral não existe a não ser no particular; sem particular não há geral. Se se exclui todo o particular, o que pode então restar do geral? É o fato de cada contradição ter o seu caráter específico próprio que dá origem ao particular. A existência de todo o particular é condicionada, passageira, portanto relativa.

Essa verdade com relação ao geral e ao particular, ao absoluto e ao relativo, é a quintessência da questão das contradições inerentes aos fenômenos. Não compreender essa verdade é fugir da dialética.

IV. A contradição principal e o aspecto principal da contradição

Na questão do caráter específico da contradição, restam dois elementos que requerem uma análise particular, a saber: a contradição principal e o aspecto principal da contradição.

No processo de desenvolvimento de um fenômeno complexo, existe toda uma série de contradições; uma delas é necessariamente a contradição principal, cuja existência e desenvolvimento determinam a existência e o desenvolvimento das demais contradições ou agem sobre elas.

Por exemplo, na sociedade capitalista, as duas forças em contradição, o proletariado e a burguesia, formam a contradição principal; as outras contradições, por exemplo, a contradição entre os restos da classe feudal e a burguesia, a contradição entre a pequena burguesia camponesa e a burguesia, a contradição entre o proletariado e a pequena burguesia camponesa, a contradição entre a burguesia liberal e a burguesia monopolista, a contradição entre a democracia e o fascismo no seio da burguesia, as contradições entre os países capitalistas e as contradições entre o imperialismo e as colônias, todas são determinadas pela contradição principal ou sujeitas à influência desta.

Num país semicolonial como a China, a relação entre a contradição principal e as contradições secundárias forma um quadro complexo.

Quando o imperialismo lança uma guerra de agressão contra um tal país, as diversas classes desse país, excetuado o pequeno número de traidores à nação, podem se unir temporariamente numa guerra nacional contra o imperialismo. A contradição entre o imperialismo e o país considerado passa então a ser a contradição principal e todas as contradições entre as diversas classes no interior do país (incluída a que era a contradição principal, a contradição entre o regime feudal e as massas populares) passam temporariamente para um plano secundário, para uma posição subordinada. Foi esse o caso da China na Guerra do Ópio de 1840, na Guerra Sino-Japonesa de 1894, na Guerra de Ihetuan de 1900 e na atual Guerra Sino-Japonesa.

Em outras circunstâncias, porém, as contradições mudam de posição. Quando o imperialismo não recorre à guerra como meio de opressão, mas utiliza formas de opressão mais moderadas, políticas, econômicas e culturais, a classe dominante do país semicolonial capitula diante do imperialismo; então, forma-se entre eles uma aliança para oprimirem em conjunto as massas populares. Nesse momento, as massas populares recorrem frequentemente à guerra civil para lutar contra a aliança dos imperialistas e da classe feudal. Quando o imperialismo, em vez de recorrer à ação direta, usa geralmente meios indiretos para ajudar os reacionários do país semicolonial a oprimirem o povo, as contradições internas se tornam particularmente intensas. Foi o que aconteceu na China durante a Guerra Revolucionária de 1911, durante a Guerra Revolucionária de 1924-1927, durante a Guerra Revolucionária Agrária começada em 1927 e prosseguida ao longo de dez anos. As guerras intestinas entre os diferentes grupos reacionários no poder no interior dos países semicoloniais, como as que os caudilhos militares fizeram na China, pertencem a essa mesma categoria.

Quando, num país, a guerra revolucionária ganha uma envergadura que ameaça a própria existência do imperialismo e seus lacaios, os reacionários do interior, o imperialismo recorre frequentemente a outros meios para manter a sua dominação: fomento de divisões no

seio da frente revolucionária ou envio direto de tropas em socorro da reação interior. Nesse momento, o imperialismo estrangeiro e a reação interior colocam-se completa e abertamente num aspecto e as massas populares no outro aspecto, o que constitui a contradição principal que determina o desenvolvimento das outras contradições ou age sobre esse desenvolvimento. A ajuda prestada pelos diferentes países capitalistas aos reacionários russos, após a Revolução de Outubro, é um exemplo de tal intervenção armada. A traição de Chiang Kai-shek em 1927 é um exemplo de divisão da frente revolucionária.

Seja em que caso for, não cabe qualquer dúvida de que, em cada uma das etapas do desenvolvimento do processo, somente existe uma contradição principal, que desempenha o papel diretor.

Assim pois, se um processo comporta várias contradições, existe necessariamente uma delas que é a principal e desempenha o papel diretor, determinante, enquanto que as outras ocupam apenas uma posição secundária, subordinada. Por consequência, no estudo de um processo complexo, em que há duas ou mais contradições, devemos fazer o máximo por determinar a contradição principal. Uma vez dominada a contradição principal, todos os problemas se resolvem facilmente. Tal é o método que Marx ensina no seu estudo da sociedade capitalista. Esse é o método que igualmente nos ensinam Lenin e Stalin nos seus estudos sobre o imperialismo e a crise geral do capitalismo, bem como no seu estudo da economia da União Soviética. Milhares de sábios e homens de ação não chegam a compreender esse método; o resultado é que, perdidos nas brumas, eles são incapazes de ir ao centro dos problemas e, em consequência, não podem encontrar o método para resolver as contradições.

Já afirmamos mais atrás que não se devem tratar as contradições de um processo como se fossem todas iguais, sendo necessário distinguir a contradição principal das contradições secundárias, e se mostrar particularmente atento na descoberta da contradição principal. Nas diferentes contradições, porém, trate-se da contradição principal ou das contradições secundárias, acaso poderão ser abordados os dois

aspectos contrários considerando-os como iguais? Não, também não. Em qualquer contradição, os polos contrários desenvolvem-se de maneira desigual. Acontece que, por vezes, se estabelece um equilíbrio entre eles, mas isso não é mais do que um estado passageiro e relativo; a situação fundamental é o desenvolvimento desigual. Dos dois aspectos contrários, um é necessariamente principal e o outro, secundário. O principal é aquele que desempenha o papel dominante na contradição. O caráter dos fenômenos é sobretudo determinado por esse aspecto principal da contradição, o qual ocupa a posição dominante.

Essa situação, porém, não é estática. O aspecto principal e o aspecto secundário da contradição convertem-se um no outro, mudando conseqüentemente o caráter dos fenômenos. Se, num processo determinado ou numa etapa determinada do desenvolvimento da contradição, o aspecto principal é A e o aspecto secundário é B, numa outra etapa ou num outro processo do desenvolvimento, os papéis se invertem. Essa mudança é função do grau de acréscimo ou decréscimo atingido pela força de cada aspecto na sua luta contra o outro, ao longo do desenvolvimento do fenômeno.

Frequentemente, falamos da “substituição do velho pelo novo”. Tal é a lei geral e imprescritível do universo. A transformação de um fenômeno em outro, por saltos cujas formas variam segundo o caráter do próprio fenômeno e segundo as condições em que ele se encontra, eis o processo de substituição do velho pelo novo. Seja em que fenômeno for, há sempre uma contradição entre o velho e o novo, o que determina uma série de lutas de curso sinuoso. Dessas lutas resulta que o novo cresce e se eleva à posição dominante, enquanto que o velho, ao contrário, decresce e acaba por morrer. Assim que o novo conquista uma posição dominante sobre o velho, o fenômeno velho transforma-se qualitativamente num novo fenômeno. Daí resulta que a qualidade de um fenômeno é sobretudo determinada pelo aspecto principal da contradição, o qual ocupa a posição dominante. Logo que muda o aspecto principal da contradição, o aspecto cuja

posição é dominante, a qualidade do fenômeno sofre uma mudança correspondente.

O capitalismo, que ocupava na antiga sociedade feudal uma posição subordinada, tornou-se a força dominante dentro da sociedade capitalista; o caráter da sociedade sofreu a transformação correspondente, isto é, de feudal passou a capitalista. Quanto ao feudalismo, de força dominante que era no passado, passou, na época da nova sociedade capitalista, a uma força subordinada que morre progressivamente. Foi o que aconteceu, por exemplo, na Inglaterra e na França. Com o desenvolvimento das forças produtivas, a própria burguesia, de classe nova que desempenhava um papel progressista, passou a classe velha, desempenhando um papel reacionário e, finalmente, foi derrubada pelo proletariado, convertendo-se numa classe destituída do direito à propriedade privada dos meios de produção, desprovida de poder e que desaparecerá com o tempo. O proletariado, que de longe é superior em número à burguesia, que cresceu ao mesmo tempo que esta, mas que se encontra sob a sua dominação, constitui uma força nova; ocupando, no período inicial, uma posição dependente com relação à burguesia, ele se reforça progressivamente, transforma-se numa classe independente, desempenhando o papel dirigente na história, e há de acabar por dominar o poder e se transformar na classe dominante. Daí resulta que o caráter da sociedade há de mudar — a velha sociedade capitalista se transformará numa nova sociedade, socialista. Tal é o caminho já percorrido pela União Soviética e que, inevitavelmente, há de ser percorrido por todos os países restantes.

Vejamus a situação da China. Na contradição em que a China se encontrou reduzida ao estado de semicolônia, o imperialismo ocupa a posição principal e oprime o povo chinês, enquanto a China, de país independente, transformou-se numa semicolônia. A situação, porém, há de se modificar fatalmente. Na luta entre as duas partes, a força do povo chinês, força que cresce sob a direção do proletariado, há de transformar inevitavelmente a China de país semicolonial em país

independente, enquanto que o imperialismo será derrubado e a velha China será transformada inevitavelmente numa China nova.

A transformação da velha China numa China nova implica igualmente uma transformação nas relações entre as forças velhas, feudais, e as forças novas, populares. A velha classe feudal dos senhores de terras será derrubada; de classe dominante passará a classe dominada, e morrerá progressivamente. Quanto ao povo, agora dominado, ascenderá, sob a direção do proletariado, a uma posição dominante. Daí o caráter da sociedade chinesa se modificará, a velha sociedade semicolonial e semifeudal se tornará uma sociedade nova, democrática.

Transformações semelhantes já se verificaram no passado. A dinastia dos Ching, que reinou durante cerca de 300 anos na China, foi derrubada pela Revolução de 1911, e o Keming Tungmenghui (Liga Revolucionária), dirigido por Sun Yat-sen, alcançou em dado momento a vitória. Na Guerra Revolucionária de 1924-1927, as forças revolucionárias do Sul, nascidas da aliança entre o Partido Comunista e o Kuomintang, de fracas passaram a fortes e conquistaram a vitória na Expedição do Norte, enquanto que os caudilhos militares do Norte, que tinham sido por um tempo os senhores do país, foram derrubados. Em 1927, as forças populares dirigidas pelo Partido Comunista diminuíram muito sob os golpes da reação do Kuomintang, mas, depois que expurgaram de suas fileiras o oportunismo, mais uma vez cresceram progressivamente. Nas bases de apoio revolucionárias dirigidas pelo Partido Comunista, os camponeses dominados tornaram-se os dominadores, enquanto que os senhores de terras sofreram a transformação inversa. Assim aconteceu sempre no mundo: o novo bate o velho, o novo substitui o velho, o velho morre para dar lugar ao novo, o novo emerge do velho.

Em certos momentos da luta revolucionária, as dificuldades superam as condições favoráveis; nesse caso, as dificuldades constituem o aspecto principal da contradição e as condições favoráveis, o aspecto secundário. Contudo, os revolucionários podem, mediante os seus

próprios esforços, vencer progressivamente as dificuldades e criar uma nova situação, que seja favorável. Assim, a situação difícil cede o lugar a uma situação favorável. Foi o que se passou na China após a derrota da revolução em 1927, e durante a Grande Marcha do Exército Vermelho. Na atual Guerra Sino-Japonesa, a China encontra-se de novo numa situação difícil, mas nós podemos mudá-la e transformar radicalmente a situação da China e do Japão. De modo inverso, as condições favoráveis podem se transformar em dificuldades se os revolucionários cometem erros. A vitória conquistada na Revolução de 1924-1927 transformou-se numa derrota. As bases de apoio revolucionárias, criadas a partir de 1927 nas províncias meridionais, haviam sido todas derrotadas, em 1934.

O mesmo acontece no estudo, no que diz respeito à contradição entre a ignorância e o conhecimento. No começo do nosso estudo do marxismo, existe uma contradição entre a nossa ignorância, ou o nosso conhecimento limitado do marxismo, e o conhecimento do marxismo. Todavia, se nos aplicarmos, chegaremos a transformar essa ignorância em conhecimento, o conhecimento limitado em conhecimento profundo, a aplicação às cegas do marxismo numa aplicação sábia.

Alguns pensam que não acontece assim com relação a certas contradições. Para eles, na contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, por exemplo, o aspecto principal é constituído pelas forças produtivas; na contradição entre a teoria e a prática, o aspecto principal é constituído pela prática; na contradição entre a base econômica e a superestrutura o aspecto principal é constituído pela base econômica; e as posições respectivas desses aspectos não se convertem umas nas outras. Essa concepção é a do materialismo mecanicista e não a do materialismo dialético. É certo que as forças produtivas, a prática e a base econômica desempenham em geral o papel principal, decisivo, de tal maneira que quem quer que o negue não é materialista; contudo, é preciso reconhecer que, em circunstâncias determinadas, as relações de produção, a teoria e a superestrutura podem desempenhar, por sua vez,

o papel principal, decisivo. Sempre que, por falta de uma modificação nas relações de produção, as forças produtivas não podem continuar a se desenvolver, a modificação dessas relações de produção desempenha o papel principal, decisivo. Quando se está no caso em que falava Lenin: “Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”,¹⁵ a criação e a propagação da teoria revolucionária desempenham o papel principal, decisivo. Quando se tem de cumprir uma tarefa (seja qual for) e não se fixou ainda uma orientação, um método, um plano ou uma política, o principal, o decisivo é definir uma orientação, um método, um plano ou uma política. Quando a superestrutura (política, cultura etc.) dificulta o desenvolvimento da base econômica, as transformações políticas e culturais se convertem no principal, no decisivo. Acaso iremos nós contra o materialismo quando falamos assim? Não, pois ao mesmo tempo que reconhecemos que no curso geral do desenvolvimento histórico o material determina o espiritual, o ser social determina a consciência social, reconhecemos e devemos reconhecer a reação do espiritual sobre o material, da consciência social sobre o ser social, da superestrutura sobre a base econômica. Procedendo assim, não contradizemos o materialismo; ao contrário, evitando cair no materialismo mecanicista, nos atemos ao materialismo dialético.

Se, no estudo do caráter específico da contradição, não consideramos as duas situações que aí se apresentam — a contradição principal e as contradições secundárias de um processo, bem como o aspecto principal e o aspecto secundário da contradição — quer dizer, se não consideramos o caráter distintivo dessas duas situações na contradição, caímos na abstração e não podemos compreender concretamente em que ponto se encontra essa contradição nem, em consequência, descobrir o método correto para resolvê-la. O caráter distintivo ou o caráter específico dessas duas situações representa a desigualdade das forças em contradição. No mundo, nada se desenvolve de maneira absolutamente igual; portanto, devemos combater a teoria do desenvolvimento igual,

¹⁵ Ver V. I. Lenin: *Que fazer?*, capítulo I, seção 4.

a teoria do equilíbrio. É nessas situações concretas das contradições, e nas modificações a que estão sujeitos o aspecto principal e o aspecto secundário da contradição no processo de desenvolvimento, que se manifesta precisamente a força do novo que vem substituir o velho. O estudo das diferentes situações de desigualdade das contradições, da contradição principal e das contradições secundárias, do aspecto principal e do aspecto secundário da contradição, constitui o método importante de que se serve um partido revolucionário para determinar, corretamente, a sua estratégia e a sua tática em matéria política e militar. Todos os comunistas devem prestar atenção a isso.

V. A identidade e a luta dos aspectos da contradição

Depois de termos esclarecido o problema da universalidade e particularidade da contradição, devemos passar ao estudo da questão da identidade e da luta dos aspectos da contradição.

A identidade, a unidade, a coincidência, interpenetração, a impregnação recíproca, a interdependência (ou o condicionamento mútuo), a ligação recíproca ou a cooperação mútua, são termos que têm todos um mesmo significado e se referem aos dois pontos seguintes: primeiro, cada um dos dois aspectos de uma contradição, no processo de desenvolvimento de um fenômeno, pressupõe a existência do outro aspecto, que constitui o seu contrário, e ambos coexistem numa mesma unidade; segundo, cada um dos dois aspectos contrários tende, em condições determinadas, a se transformar no contrário. É o que significa identidade.

Lenin dizia:

A dialética é a teoria que mostra como os contrários podem ser e são habitualmente (e se tornam) idênticos – em que condições eles são idênticos ao se converterem um no outro –, por que razão o entendimento humano não deve tomar esses contrários por mortos, petrificados, mas sim por vivos, condicionados, móveis, convertendo-se um no outro.¹⁶

¹⁶ V. I. Lenin: “Resumo do livro de Hegel *A Ciência da Lógica*”.

Que significa essa passagem de Lenin?

Os aspectos contrários em qualquer processo excluem-se um ao outro, estão em luta um contra o outro, opõem-se um ao outro. No processo de desenvolvimento de qualquer fenômeno, também no pensamento humano, existem esses aspectos contrários, e isso não tem exceções. Um processo simples não contém mais do que um par de contrários, enquanto que um processo complexo contém mais do que um par. Esses pares de contrários, por sua vez, estão em contradição entre si. Assim são todos os fenômenos do mundo objetivo, assim é todo o pensamento humano, é assim que entram em movimento.

Sendo assim, os contrários estão longe de estar em estado de identidade e unidade; por que falamos então da sua identidade e unidade?

O que acontece é que os aspectos contrários não podem existir isoladamente, um sem o outro. Se falta um dos aspectos opostos, contrários, as condições de existência do outro aspecto desaparecem igualmente. Pensemos: acaso poderá qualquer dos dois aspectos contrários de um conceito surgido no espírito dos homens existir independentemente do outro? Sem vida, não há morte; sem morte, não há vida. Sem alto, não há baixo; sem baixo, não há alto. Sem infelicidade, não há felicidade; sem felicidade, não há infelicidade. Sem fácil, não há difícil; sem difícil, não há fácil. Sem senhores de terras, não há rendeiros; sem rendeiros, não há senhores de terras. Sem burguesia, não há proletariado; sem proletariado, não há burguesia. Sem opressão nacional pelo imperialismo, não há colônias nem semicolônias; sem colônias e semicolônias, não há opressão nacional pelo imperialismo. O mesmo se passa com relação a todos os contrários; em determinadas condições, por um lado, eles se opõem um ao outro e, por outro lado, estão ligados mutuamente, impregnam-se reciprocamente, interpenetram-se e dependem um do outro; é a esse caráter que se chama identidade. Todos os aspectos contrários possuem, em

condições determinadas, o caráter da não-identidade, sendo por isso que se lhes chama contrários. Mas entre eles existe também uma identidade, sendo por isso que estão ligados mutuamente. É o que entende Lenin, ao dizer que a dialética estuda “como os contrários podem ser... idênticos”. Por que podem sê-lo? Porque cada um deles é a condição de existência do outro. Tal é o primeiro sentido da identidade.

Mas será porventura suficiente dizer apenas que cada um dos dois aspectos da contradição é a condição de existência do outro, que existe identidade entre eles e que, em consequência, coexistem na unidade? Não, isso não basta. A questão não se limita ao fato de os dois aspectos da contradição se condicionarem mutuamente. O que é ainda mais importante é o fato de eles se converterem um no outro. Dito de outro modo, cada um dos dois aspectos contrários de um fenômeno tende, em condições determinadas, a se transformar no seu oposto, a tomar a posição ocupada pelo seu contrário. Tal é o segundo sentido da identidade.

Por que razão também há aí identidade? Vejamos: pela revolução, o proletariado passa de classe dominada a classe dominante, enquanto que a burguesia, que dominava até então, se transforma na classe dominada, tomando cada um, portanto, a posição originariamente ocupada pelo adversário. Isso já se verificou na União Soviética e há de se verificar igualmente no mundo inteiro. Se não existisse entre esses contrários nem ligação nem identidade em condições determinadas, como poderiam ser produzidas tais modificações?

O Kuomintang, que desempenhou um certo papel positivo em determinada etapa da história moderna da China, transformou-se num partido da contrarrevolução, a partir de 1927, em virtude da sua própria natureza de classe e em consequência das promessas aliciantes do imperialismo (essas as condições), vendo-se no entanto constrangido a se pronunciar pela resistência contra o Japão, em virtude do aguçamento das contradições sino-japonesas e da política de Frente Única seguida pelo Partido Comunista (o que são outras condições).

Entre contrários que se transformam um no outro existe, pois, uma determinada identidade.

Nossa revolução agrária registrou e registrará o processo seguinte: a classe dos senhores de terras, que possui a terra, transforma-se numa classe despossuída de terras, enquanto que os camponeses despojados das suas terras se convertem em pequenos proprietários que receberam terra. A posse e o desapossamento, a aquisição e a perda, estão mutuamente ligadas em condições determinadas, e existe entre elas uma identidade. Nas condições do socialismo, a propriedade privada dos camponeses, por seu turno, transforma-se em propriedade social na agricultura socialista; isso já se realizou na União Soviética e há de se realizar igualmente no mundo inteiro. Há uma ponte que leva da propriedade privada à propriedade social. A isso se chama, em filosofia, identidade ou transformação recíproca, interpenetração.

Consolidar a ditadura do proletariado, ou a ditadura do povo, é preparar exatamente as condições para pôr fim a essa ditadura e passar a um estágio superior em que o próprio Estado, como tal, desaparecerá. Fundar e desenvolver o Partido Comunista é justamente preparar as condições para suprimir o Partido Comunista e todos os outros partidos políticos. Criar um exército revolucionário dirigido pelo Partido Comunista, fazer uma guerra revolucionária, é precisamente preparar as condições para acabar definitivamente com as guerras. Eis toda uma série de contrários que, não obstante, se completam mutuamente.

A guerra e a paz, como todos sabem, convertem-se uma na outra. A guerra transforma-se em paz; por exemplo, a I Guerra Mundial transformou-se na paz do após-guerra. Atualmente, a guerra civil cessou na China e estabeleceu-se a paz no país. A paz transforma-se em guerra; em 1927, por exemplo, a cooperação entre o Kuomintang e o Partido Comunista transformou-se em guerra. É possível também que a paz atual no mundo se transforme num segundo conflito mundial. Por quê? Porque na sociedade de classes, entre os

aspectos contrários como a guerra e a paz existe uma identidade, em determinadas condições.

Todos os contrários estão ligados entre si; não somente eles coexistem na unidade dentro de condições determinadas, mas também se convertem um no outro em condições determinadas, eis o sentido pleno da identidade dos contrários. É justamente disso que fala Lenin: “como os contrários... são habitualmente (e se tornam) idênticos – em que condições eles são idênticos ao se converterem um no outro...”

“...o entendimento humano não deve tomar esses contrários por mortos, petrificados, mas sim por vivos, condicionados, móveis, convertendo-se um no outro”. Por quê? Porque é precisamente assim que são os fenômenos na realidade objetiva. A unidade ou a identidade dos aspectos contrários de um fenômeno que existe objetivamente nunca é morta, petrificada, mas sim viva, condicionada, móvel, passageira, relativa; todo o aspecto contrário converte-se, em condições determinadas, no seu contrário. O reflexo disso no pensamento humano é a concepção materialista-dialética do mundo, a concepção marxista. Só as classes dominantes reacionárias de ontem e de hoje, bem como os metafísicos, que estão ao seu serviço, não consideram os contrários como vivos, condicionados, móveis, convertendo-se um no outro, mas sim como mortos, petrificados, divulgando por toda parte essa falsa concepção para enganarem as massas populares, a fim de perpetuarem a sua dominação. A tarefa dos comunistas consiste em denunciar as ideias enganosas dos reacionários e dos metafísicos, divulgar a dialética inerente aos fenômenos, contribuir para a transformação dos fenômenos, de maneira que se atinjam os objetivos da revolução.

Quando dizemos que, em condições determinadas, existe identidade entre os contrários, consideramos que esses contrários são reais e concretos, e que a transformação de um no outro é igualmente real e concreta. Se tomamos as numerosas transformações que se encontram na mitologia, por exemplo, o mito da perseguição do Sol por Kua

Fu, em *Xan Hai Quim*,¹⁷ o mito da destruição dos nove sóis pelas flechas do herói Yi, em *Huai Nan Tsi*¹⁸, o mito das setenta e duas metamorfoses de Sun Wu-kung, em *Si lou Qui*,¹⁹ ou o da metamorfose dos demônios e das “almas-raposas” em seres humanos, no *Liaochai Tchi Yi*²⁰ etc., constatamos que as conversões de um contrário no outro não são, aí, transformações concretas refletindo contradições concretas; trata-se de transformações ingênuas, imaginárias, concebidas subjetivamente pelos homens, transformações que inspiram os homens pelas inúmeras conversões dos contrários complexos e reais. Marx dizia: “Toda a mitologia abarca, domina as forças da natureza no plano da imaginação e pela imaginação, e dá-lhe uma forma, desaparecendo portanto quando essas forças são dominadas realmente”.²¹ As descrições das inúmeras metamorfoses que figuram na mitologia (e também nos contos para crianças) podem nos encantar quando nos mostram, entre outras, as forças da natureza dominadas

¹⁷ *Xan Hai Quim (O Livro dos montes e dos mares)*, obra da época dos Reinos Combatentes (403-221 a. C.). Kua Fu é uma divindade descrita no livro. Aí diz-se: “Kua Fu perseguiu o Sol. Quando chegou ao Sol, sentiu sede e foi beber no rio Amarelo e na ribeira Uei. Como esses dois cursos de água não lhe bastassem, correu para o Norte a fim de beber no Grande Lago, mas morreu de sede antes de lá chegar. O bastão que deixou transformou-se numa floresta” (“Hai Uei Pei Quim”).

¹⁸ Yi, herói lendário na antiguidade chinesa. “Flechar os sóis” é uma história famosa que descreve a mestria de Yi no manejo do arco. Em *Huai Nan Tsi*, da autoria de Liu An (nobre do século 2 a.C.) da dinastia Han, lê-se: “Nos tempos de Yao, dez sóis apareceram ao mesmo tempo nos céus. As searas murchavam, as plantas definhavam e o povo sofria com a fome... Yao ordenou que Yi... abatesse os sóis...” Na dinastia Han de Leste, nas notas aos versos de Qui luan, *Tien Ven*, Wang Yi (escritor do século 2) afirma: “Conforme ao *Huai Nan Tsi*, nos tempos de Yao, dez sóis apareceram ao mesmo tempo, murchando as plantações. Yao ordenou que Yi ‘flechasse’ os dez sóis. Yi abateu nove,... deixou um.”

¹⁹ *Si lou Qui (A Peregrinação a Oeste)*, romance chinês do século 16. O personagem principal do romance, Sun Wu-kung, é um macaco divino capaz de operar sobre si próprio setenta e duas metamorfoses. Ele podia se transformar em pássaro, fera, inseto, peixe, erva, objetos de madeira ou mesmo tomar forma humana.

²⁰ *Liaochai Tchi Yi (Contos Estranhos da Sala sem Preocupações)*, compilação de contos composta no século 17, durante a dinastia Tsim, por Pu Sung-ling, a partir de lendas populares. A obra contém 431 narrativas onde a maior parte trata de “almas-raposas”, fantasmas e outros seres sobrenaturais.

²¹ K. Marx: “*Introdução à crítica da Economia Política*”.

pelo homem. Os mais belos dos mitos possuem um “encanto eterno” (Marx), mas não se formaram a partir de situações determinadas pelas contradições concretas, não são portanto um reflexo científico da realidade. Por outras palavras, nos mitos ou nos contos para crianças, os aspectos que constituem uma contradição não têm identidade real, mas sim imaginária. Em contrapartida, a dialética marxista reflete cientificamente a identidade nas transformações reais.

Por que razão o ovo pode se transformar em pinto e a pedra não? Por que razão existe uma identidade entre a guerra e a paz, e não entre a guerra e a pedra? Por que razão o homem pode engendrar o homem e não qualquer outra coisa? A única razão consiste no fato de a identidade dos contrários existir apenas em condições determinadas, indispensáveis. Sem essas condições determinadas, indispensáveis, não pode haver qualquer identidade.

Por que razão a Revolução Democrática Burguesa de Fevereiro de 1917, na Rússia, está diretamente ligada à Revolução Socialista Proletária de Outubro e a Revolução Burguesa Francesa não está diretamente ligada a uma revolução socialista, e por que razão, em 1871, a Comuna de Paris terminou numa derrota? Por que razão o regime nômade na Mongólia e na Ásia Central passou diretamente ao socialismo? Por que razão, enfim, a revolução chinesa pode evitar a via capitalista e passar diretamente ao socialismo, sem seguir a velha via histórica dos países do Ocidente, sem passar pelo período da ditadura burguesa? Tudo isso não pode ser explicado a não ser pelas condições concretas de cada um dos períodos considerados. Quando as condições determinadas, indispensáveis, estão reunidas, aparecem contrários determinados no processo de desenvolvimento de um fenômeno, e esses contrários (dois ou mais que dois) se condicionam mutuamente e se convertem um no outro. De outro modo, tudo isso seria impossível.

O que se disse até aqui diz respeito à identidade. E quanto à luta? Que relação existe entre a identidade e a luta?

Lenin dizia:

A unidade (coincidência, identidade, equivalência) dos contrários é condicionada, temporária, passageira, relativa. A luta dos contrários que se excluem mutuamente é absoluta, tal como a evolução, tal como o movimento.²²

Qual é o significado dessa passagem de Lenin?

Todos os processos têm um começo e um fim, todos os processos se transformam nos seus contrários. A permanência de todos os processos é relativa, enquanto que a sua variabilidade, expressa na transformação de um processo em um outro, é absoluta.

Em seu movimento, todo fenômeno apresenta dois estágios, um de repouso relativo e um de modificação evidente. Esses dois estados são provocados pela luta mútua dos dois elementos contrários que se contêm no próprio fenômeno. Quando, no seu movimento, o fenômeno se encontra no primeiro estágio, sofre modificações simplesmente quantitativas, e não qualitativas, manifesta-se num repouso aparente. Quando o fenômeno, no seu movimento, se encontra no segundo estágio, as modificações quantitativas que sofreu no primeiro estágio já atingiram o ponto máximo, o que provoca uma ruptura da unidade do fenômeno e, em consequência, uma modificação qualitativa; daí a manifestação de uma mudança evidente. A unidade, a coesão, a união, a harmonia, a equivalência, a estabilidade, a estagnação, o repouso, a continuidade, o equilíbrio, a condensação, a atração etc., que observamos na vida cotidiana, são as manifestações dos fenômenos que se encontram no estágio das modificações quantitativas, enquanto que a ruptura da unidade, a destruição desses estágios de coesão, união, harmonia, equivalência, estabilidade, estagnação, repouso, continuidade, equilíbrio, condensação, atração etc., e a passagem respectiva aos estágios opostos, são as manifestações dos fenômenos que se encontram no estágio das modificações qualitativas, quer dizer, que se transformam passando de um processo a outro. Os fenômenos transformam-se continuamente passando do primeiro ao segundo estágio, e a luta dos contrários, que prossegue nos dois estágios, desemboca na solução da

²² V. I. Lenin: "Sobre a questão da dialética".

contradição, no segundo. Eis a razão por que a unidade dos contrários é condicionada, passageira, relativa, enquanto que a luta dos contrários que se excluem mutuamente é absoluta.

Mais atrás, dissemos que existia uma identidade entre dois fenômenos opostos e que, por esse motivo, eles podiam coexistir numa mesma unidade e mesmo converter-se um no outro; tudo está, pois, nas condições, isto é, em condições determinadas, eles podem chegar à unidade e se converter um no outro, e, sem essas condições, é-lhes impossível constituir uma contradição ou coexistir na mesma unidade, tal como se transformar um no outro. A identidade dos contrários só se forma em condições determinadas, razão por que a identidade é condicionada, relativa. Acrescentemos ainda que a luta dos contrários penetra todo o processo do princípio ao fim e leva à transformação de um processo no outro, que ela está presente em toda parte e que, em consequência, é incondicionada, absoluta.

A identidade condicionada e relativa unida à luta incondicionada e absoluta forma o movimento contraditório de todo o fenômeno.

Nós, os chineses, dizemos frequentemente: “As coisas se opõem umas às outras e se completam umas às outras”.²³ Isso significa que há identidade entre as coisas que se opõem. Essas afirmações são dialéticas e se opõem à metafísica. “As coisas se opõem umas às outras” significa que os dois aspectos contrários se excluem um ao outro ou que lutam um contra o outro; “as coisas se completam umas às outras” significa que, em condições determinadas, os dois aspectos contrários unem-se e ganham identidade. E na identidade há luta; sem luta não há identidade.

Na identidade há luta, no específico há universal, no particular há geral. Para retomar as palavras de Lenin, “o absoluto existe no relativo”.²⁴

²³ Frase dos anais de *Tsien Han Chu* (Tomo 30, “Yi Ven Chi”), redigidos por Pan Ku, célebre historiador chinês do século I. Posteriormente passou a se empregar na linguagem corrente.

²⁴ V. I. Lenin: “*Sobre a questão da dialética*”.

VI. O papel do antagonismo na contradição

No problema da luta dos contrários está incluída a questão de saber o que é o antagonismo. A nossa resposta é que o antagonismo constitui uma das formas, e não a única forma, da luta dos contrários.

Na história da humanidade, o antagonismo entre as classes existe como expressão particular da luta dos contrários. Consideremos a contradição entre a classe dos exploradores e a dos explorados: essas duas classes em contradição coexistem durante um longo período na mesma sociedade, quer se trate de sociedade escravista, quer se trate de sociedade feudal ou capitalista, e lutam entre si; mas só quando a contradição entre as duas atinge um certo estágio de desenvolvimento é que ela toma a forma de um antagonismo aberto e desemboca na revolução. O mesmo acontece com a transformação da paz em guerra na sociedade de classes.

Numa bomba, antes da explosão, os contrários, em virtude de condições determinadas, coexistem numa mesma unidade. Só com o aparecimento de novas condições (ignição) é que se produz a explosão. Situação análoga encontra-se em todos os fenômenos da natureza onde, finalmente, a solução de uma antiga contradição e o nascimento de uma nova se produzem sob a forma de um conflito aberto.

É extremamente importante conhecer tal fato. Isso nos ajuda a compreender que, na sociedade de classes, as revoluções e as guerras revolucionárias são inevitáveis, que sem elas é impossível um salto no desenvolvimento da sociedade, é impossível derrubar as classes dominantes reacionárias, ficando o povo impossibilitado de conquistar o poder político. Os comunistas devem denunciar a propaganda mentirosa dos reacionários quando, por exemplo, afirmam que a revolução social não é necessária nem possível; eles devem se ater firmemente à teoria marxista-leninista da revolução social e ajudar o povo a compreender que a revolução social não só é absolutamente necessária como inteiramente possível, e que a história de toda a humanidade e a vitória da União Soviética confirmam essa verdade científica.

Todavia, devemos estudar de maneira concreta as diferentes situações em que se encontra a luta dos contrários e evitar uma aplicação despropositada a todos os fenômenos do termo mencionado acima. As contradições e a luta são universais, absolutas, mas os métodos para resolver as contradições, quer dizer, as formas da luta, variam segundo o caráter dessas contradições. Certas contradições assumem o caráter de um antagonismo aberto, outras não. Segundo o desenvolvimento concreto dos fenômenos, certas contradições, primitivamente não antagônicas, desenvolvem-se em contradições antagônicas, enquanto que outras, primitivamente antagônicas, desenvolvem-se em contradições não antagônicas.

Como se disse mais atrás, enquanto existirem as classes, as contradições entre as ideias corretas e as ideias erradas dentro do Partido Comunista são o reflexo, no seio do partido, das contradições de classes. No início, ou em certas questões, nada assegura que tais contradições se manifestem imediatamente como antagônicas. Contudo, com o desenvolvimento da luta entre as classes, elas podem se tornar antagônicas. A história do Partido Comunista da URSS nos mostra que as contradições entre as concepções corretas de Lenin e Stalin e as concepções erradas de Trotsky, Bukharin e outros, não se manifestaram inicialmente sob a forma do antagonismo, mas, posteriormente, tornaram-se antagônicas. Casos semelhantes se verificaram na história do partido Comunista da China. As contradições entre as concepções corretas de numerosos camaradas do nosso Partido e as concepções errôneas de Chen Tu-siu, Chang Kuo-tao e outros, tampouco se manifestaram logo sob a forma do antagonismo, mas, posteriormente, tornaram-se antagônicas. Atualmente, as contradições entre as concepções corretas e as concepções errôneas no seio do nosso partido não assumiram a forma do antagonismo, e não irão até ao antagonismo se os camaradas que cometeram erros souberem corrigi-los. Eis porque o partido deve, por um lado, travar uma luta séria contra as concepções errôneas e, por outro lado, dar aos camaradas que cometeram erros a plena possibilidade de tomar

consciência disso. Nessas circunstâncias, uma luta levada ao excesso é evidentemente inadequada. Todavia, se os que cometeram erros persistirem na sua atitude e os agravarem, essas contradições podem se tornar antagônicas.

As contradições econômicas entre a cidade e o campo, são de um antagonismo extremo, tanto na sociedade capitalista (onde a cidade, controlada pela burguesia, pilha o campo sem piedade), quanto nas regiões controladas pelo Kuomintang na China (onde a cidade, controlada pelo imperialismo estrangeiro e pela grande burguesia compradora chinesa, pilha o campo com uma ferocidade inaudita). Num país socialista, porém, ou nas nossas bases de apoio revolucionárias, essas contradições antagônicas tornam-se não-antagônicas, e hão de desaparecer na sociedade comunista.

Lenin dizia: “Antagonismo e contradição não são de maneira alguma uma e a mesma coisa. No socialismo, o primeiro desaparecerá e a segunda subsistirá”.²⁵ Isso significa que o antagonismo não é mais do que uma das formas, e não a única forma, da luta dos contrários, não se devendo empregar esse termo por todo lado, sem discernimento.

VII. Conclusão

Podemos agora concluir com poucas palavras. A lei da contradição inerente aos fenômenos, quer dizer, a lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da natureza e da sociedade, em consequência a lei fundamental do pensamento. Ela está em oposição à concepção metafísica do mundo. A descoberta dessa lei foi uma grande revolução na história do pensamento humano. Do ponto de vista do materialismo dialético, a contradição existe em todos os processos dos fenômenos objetivos, bem como no pensamento subjetivo, e penetra todos os processos, do início ao fim; é nisso que reside a universalidade e o caráter absoluto da contradição. Cada contradição e cada um dos seus

²⁵ V. I. Lenin: “Notas sobre o livro de N. I. Bukharin – *A economia do período transitório*”.

aspectos tem as suas particularidades; é nisso que reside a particularidade e o caráter relativo da contradição. Em condições determinadas, há identidade dos contrários, eles podem, pois, coexistir na mesma unidade e se transformar um no outro; é nisso igualmente que reside a particularidade e o caráter relativo da contradição. Contudo, a luta dos contrários é ininterrupta, prossegue tanto durante a sua coexistência quanto no momento da sua conversão recíproca, momento em que se manifesta com uma evidência particular. De novo é nisso que reside a universalidade e o caráter absoluto da contradição. Quando estudamos a particularidade e o caráter relativo da contradição, devemos prestar atenção à diferença entre a contradição principal e as contradições secundárias, entre o aspecto principal e o aspecto secundário da contradição; quando estudamos a universalidade da contradição e a luta dos contrários, devemos prestar atenção à diferença entre as diversas formas de luta. De outro modo cometeremos erros. Se, através do nosso estudo, ficarmos com uma ideia realmente clara dos pontos essenciais acima expostos, poderemos exterminar as concepções dogmáticas que violam os princípios fundamentais do marxismo-leninismo e prejudicam a nossa causa revolucionária, e poderemos ajudar também nossos camaradas experimentados a sistematizar as suas experiências, a elevá-las à categoria de princípios e a evitar a repetição dos erros do empirismo. Tal é a breve conclusão a que nos conduz o estudo da lei da contradição.